



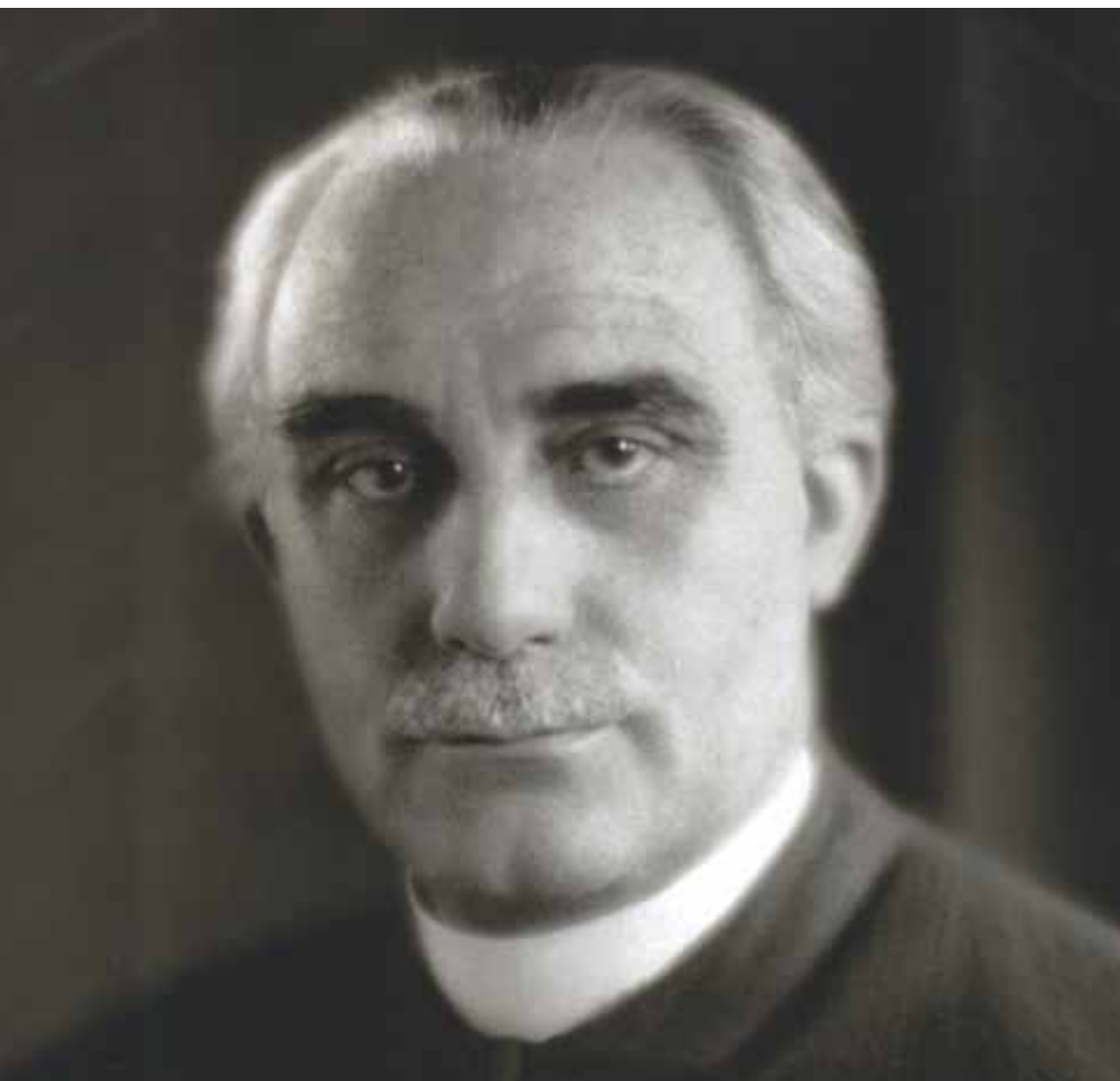
OSIRIS

REVISTA PORTUGUESA DE TEOSOFIA

Publicação quadrimestral da Sociedade Teosófica de Portugal

JANEIRO ~ DEZEMBRO 2011, nº 21

ISSN 0873 - 0814



DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

A Sociedade Teosófica é composta por estudantes que pertencem a qualquer religião no mundo, ou a nenhuma, que estão unidos pela aceitação dos Objectivos da Sociedade, pela vontade de remover os antagonismos religiosos e de aproximar os homens de boa vontade, independentemente das suas opiniões religiosas, e pelo desejo de estudar as verdades religiosas e de partilhar os resultados dos seus estudos com os outros. O seu vínculo de união não é professar uma crença comum, mas uma busca comum e a aspiração pela Verdade. Eles sustentam que a verdade deve ser procurada pelo estudo, pela reflexão, pela pureza de vida, pela devoção aos ideais elevados, e consideram a Verdade como uma recompensa a ser alcançada pela força da vontade, e não como um dogma a ser imposto pela autoridade. Eles consideram que a crença deve ser o resultado do estudo individual ou da intuição, e não a sua premissa, e deve fundamentar-se no conhecimento, não na alegação. A todos eles estendem a sua tolerância, mesmo aos intolerantes, não como um privilégio por eles conferido, mas como um dever que desempenham, procurando eliminar a ignorância, e não puni-la. Eles vêem qualquer religião como uma expressão da Sabedoria Divina e preferem o seu estudo ao invés da sua censura, e a sua prática ao invés do proselitismo. A Paz é o seu lema, assim como a Verdade é o seu objectivo.

A Teosofia é o corpo de verdades que constitui a base de todas as religiões, e que não podem ser reivindicadas como propriedade exclusiva de nenhuma religião. A Teosofia oferece uma filosofia que torna a vida inteligível, e que demonstra a justiça e o amor que guiam a sua evolução. A Teosofia coloca a morte no seu devido lugar, como um incidente recorrente numa vida sem fim, abrindo a porta para uma existência mais plena e radiante. A Teosofia restitui ao mundo a Ciência do Espírito, ensinando o homem a conhecer o Espírito como ele mesmo, e a mente e o corpo como seus servos. A Teosofia ilumina as escrituras e as doutrinas das religiões, desvendando os seus significados ocultos, e, desta forma, justificando-as à luz da inteligência, uma vez que elas são sempre justificadas aos olhos da intuição.

Os Membros da Sociedade Teosófica estudam essas verdades, e os Teósofos esforçam-se por vivê-las. Todo aquele que estiver disposto a estudar, a ser tolerante, a desejar o mais elevado, e a trabalhar com perseverança, é bem-vindo como membro, e dele dependerá poder tornar-se um verdadeiro Teósofo.

in The Theosophist

OSIRIS

REVISTA PORTUGUESA DE TEOSOFIA

JANEIRO - DEZEMBRO 2011, Nº 21

Periodicidade quadrimestral

ISSN: 0873-0814

Depósito legal: 88327/95

S.R.I.P. 100 777 STP

Tiragem: 400 Exemplares

Propriedade: Sociedade Teosófica de Portugal

Rua Passos Manuel 20, cave

1150-260 Lisboa

www.sociedadeteosoficadeportugal.pt

geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt

Tel.: 21 353 47 50

NIF: 501 465 251

Director: Carlos Guerra

Colaboradores: Ana Maria Coelho de Sousa,

António Roque, Maria de Lurdes Rodrigues,

Rosa Duarte

A S.T.P. é responsável pelas notícias oficiais publicadas nesta revista. Os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Impressão: Gráfica Eborense, Sociedade

Instrutiva Regional Eborense, S.A.

Rua da Misericórdia 9-13, Apartado 28,

7002-501 Évora

Capa: George S. Arundale (1878-1945),

terceiro presidente da Sociedade Teosófica

Internacional (Adyar, India) de 1934 a 1945.



SUMÁRIO

Editorial

JANEIRO ~ DEZEMBRO 2011

Editorial

Carlos Guerra 1

O Futuro da Sociedade Teosófica

C. W. Leadbeater 2

Liberdade em Nós

N. Sri Ram 4

Karma e Consciência

C. V. K. Maitreya 8

Em qualquer situação...

Curt Berg 11

O Lado Oculto das Coisas e da Vida

José António Alves 13

Real? Talvez nem Tanto!

Maria João Figueira 15

Teosofia e Filosofia

Délio Nobre Santos 18

Viver Sem Esforço

J. Krishnamurti 21

Chela e Chelas Laicos

H. P. Blavatsky 27

Relatório do Secretário-Geral da S.T.P., 19 de Março de 2011

Carlos Guerra 32

A Beleza tem um lugar na vida, é a própria vida. Ter consciência deste facto requer aquela imensurável sensibilidade que envolve todo o nosso ser, todos os nossos sentidos.

A Beleza é insuscetível de ser definida, porque a natureza de uma definição é incompatível com a sua infinitude. Definir é uma conveniência do entendimento imediato, do conhecimento objetivo. Esta conveniência pode erradamente levar-nos a considerar de forma estanque a beleza na arte, na ciência, na vida, na natureza, e até mesmo a beleza na procura da imagem ideal de si mesmo, a qual se tornou atualmente um fenómeno de feição social de efeitos auto-destruidores.

No entanto, as definições podem favorecer o esclarecimento, apontar direcções, ordenar o que foi investigado e experimentado. Relacionadas com a experiência profunda de quem lhes deu expressão, há definições de toque holístico que fizeram história – desde Platão e Plotino, passando por Fernando Pessoa, J. Krishnamurti, e tantos outros. Ainda assim, é necessária a consciência das limitações contidas nas palavras, para que o maravilhamento perante a Beleza, próprio da inocência, tenda sempre a não deixar-se condicionar por uma qualquer definição.

Se é insuscetível de ser definida, a Beleza é no entanto suscetível de ser intuída; na definição a sua inteireza perde o sentido, na intuição o seu sentido ganha um fôlego indizível. Ao contrário da mera definição, construída pelo pensamento concreto, a natureza da intuição – relacionada com buddhi – é compatível com a infinitude da Beleza. Assim, à intuição corresponde um entendimento maior que tudo abraça, e um conhecimento maior que rompe e amplia. Intuir a Beleza é um convite ao encontro com o eterno e com a unidade.

A Beleza parece por vezes concreta mas ao mesmo tempo abstrata, por vezes objetiva mas ao mesmo tempo marcada pela subjetividade. Surge por vezes grandiosa, insondável, mas ao mesmo tempo visível, presente, nas grandes e nas pequenas coisas. Nela parece existir algo que se pressente perene mas, ao mesmo tempo, a Beleza parece residir na fugacidade de um gesto, de um olhar, de um movimento. Aparece por vezes inesperada mas ao mesmo tempo desvanece-se, sem que se prolongue apenas por a desejarmos, para de novo inesperada reaparecer. É assim que ela nos toca; é assim que lhe tocamos – fora de qualquer convenção. A experiência da Beleza é uma experiência Total, uma experiência onde todo o sentimento de separatividade se dissipa em favor do essencial, do silêncio, da paixão, do esvaziamento.

Carlos Guerra

O Futuro da Sociedade Teosófica

C. W. LEADBEATER

É suposto falar-vos sobre um assunto que ocupa as mentes de muitos de vós – o futuro da Sociedade Teosófica. A primeira questão é, estamos a considerar um futuro distante ou próximo? Não tenho dúvidas sobre o futuro distante da Sociedade. Aumentará em número, utilidade e influência. Mas ao falar do futuro próximo devo dizer que depende de nós próprios, membros da Sociedade. Podemos realizar os ideais da Sociedade ou, se menos sensatos, gastar o nosso tempo discutindo essa matéria.

Ora, os métodos deverão mudar com os tempos. Os métodos de há cinquenta anos não são os nossos de hoje. As nossas discussões dizem respeito não ao trabalho a ser feito, mas ao modo de o fazer. Os Objectivos da Sociedade são bons, mas existem muitas opiniões no que respeita ao modo de os realizar, e esta variedade de opinião é boa pois impedir-nos-á de cristalizar. Os fundamentos que temos de popularizar não mudam. Devemos difundir a ideia de Fraternidade. A Fraternidade existe, mas as pessoas não a compreendem, e nós deveremos tentar ajudá-las nessa compreensão. Este é o principal objectivo da Sociedade.

Os outros dois objectivos são igualmente bons. O estudo comparado da religião mostra-nos que, no fundamental, todas as religiões concordam; e esta é talvez a única coisa que interessa sobre a religião. Levem as pessoas a compreender isto.

O terceiro Objectivo, o estudo dos poderes latentes no homem, é para nos dar uma base sólida ao nosso conhecimento. O Ocultismo é meramente o estudo do lado interno do

homem – porém, o lado interno das coisas é geralmente mais importante do que o exterior.

Todos estes estudos ajudam-nos a ir na direcção da grandiosa ideia de Fraternidade.

Costumávamos afirmar que este grandioso estudo da Teosofia foi-nos “revelado”. A antítese entre revelação e compreensão parece-me ilusória, uma vez que são duas etapas do mesmo processo. Qualquer ideia grandiosa é, quando anunciada pela primeira vez, uma revelação, e então começamos a compreendê-la.

Madame Blavatsky, quando nos ensinava, costumava dizer: “Estes são os factos, mas não os aceitam porque eu o afirmo; examinem-nos e aceitem-nos somente se os consideraram para vós mesmos como a melhor explicação.” Nunca tive a ilusão, nem ela, de sabermos a verdade total. Nós, na Quinta Raça Raiz, somos muito orgulhosos do nosso intelecto e certamente que o que encontrámos – os factos que no início eram conhecidos por poucos – é maravilhoso. Mas, porque a descoberta é tão nova para nós, ficamos tal como uma criança orgulhosa do seu novo brinquedo.

Mas a razão não é tudo. Vós não podeis conceber as condições sob as quais a Teosofia chegou até nós nos primeiros tempos. A forma ortodoxa do Cristianismo tinha-se tornado impossível para muitos. Era como se vivêssemos numa caixa escura, repleta de superstições, e a Teosofia ajudou-nos a sair para a luz do sol. Tivemos de descartar muitas coisas que eram inacreditáveis. Isto levou muitas pessoas ao Ateísmo. A primeira vez que tive a honra de escutar a nossa distinta Presidente – foi em Londres – ela falou contra o Cristianismo ortodoxo

da altura. Eu, como clérigo, fiquei estupefacto, mas não podia negar a verdade dos seus argumentos, os quais ela conduziu a uma conclusão absoluta. Foi isso que primeiramente me mostrou que os factos eram as únicas coisas que valia a pena descobrir. Parecia não haver prova, fora do Ocultismo, de qualquer ensinamento na Igreja ortodoxa – nem mesmo que Cristo tenha vivido na Palestina.

Madame Blavatsky disse-nos para não aceitarmos nada tão só porque ela o tivesse expressado: muitos, todavia, o fizeram. E quando o Relatório da Sociedade de Pesquisas Psíquicas afirmou que Madame Blavatsky era uma charlatã, muitas pessoas abandonaram a causa. Outros, contudo, os que reflectiram logicamente e que encontraram nisso a única hipótese razoável de vida para trabalhar, não foram abalados.

Da primeira vez que ouvi falar de Teosofia, toda a minha alma se lhe aderiu. Foi uma certeza interior para mim, uma intuição. Assim, como vêem, eu senti-a e entendi-a racionalmente. Tive o trabalho de me convencer a mim próprio da realidade – mas, claro, tudo poderá ser uma ilusão, até mesmo o estar aqui perante vós e o vosso olhar para mim! Todos os dias temos de aceitar coisas sem demonstração – a palavra da Ciência e o testemunho de especialistas. Na astronomia devemos estar sempre preparados para revermos as nossas velhas concepções quando acontecem novas descobertas. Os factos são verdadeiros até onde podem ir: são por si inalteráveis, mas poderemos olhá-los de modo diferente. Por conseguinte, as linhas gerais da Teosofia permanecem embora as condições possam mudar. Haverá sempre panoramas mais alargados perante nós. Moldamos as nossas vidas pelas coisas que fazemos. O futuro imediato da Sociedade está nas nossas mãos. Se conseguirmos ser liberais no nosso pensamento, manteremos coeso o nosso grupo que é bastante heterogéneo.

Compreendam os factos centrais da Teosofia e não mostrem hostilidade para com os irmãos que percorrem caminhos diferentes dos nossos.

Krishnaji diz que não existe caminho para o mais elevado. Contudo, não estamos todos assim tão evoluídos que saibamos o caminho por nós próprios. É nosso privilégio aproveitar o trabalho daqueles que nos precederam. Ensinamos a criança, damos-lhe conhecimento das condições que a rodeiam sem a deixarmos descobrir por ela própria. Bem, é isso que estamos a tentar fazer na nossa Sociedade ao aconselhar as pessoas; mas de modo algum lhes poderemos impor a nossa opinião.

Os nossos Mestres dizem que se apenas três pessoas permanecerem fiéis a este ensinamento interior, Eles ajudá-las-ão e estarão com elas. Não chegaremos a tanto. Não desesperéis sobre o futuro. Não posso assegurar que existe um único caminho, porque à nossa volta vemos homens notáveis a lutar em muitos caminhos. Um Grande Instrutor afirmou, “Seja qual for o caminho pelo qual um homem se aproxime de mim, nesse caminho eu encontro-o, porque todos os caminhos são meus”. Quando conhecermos toda a verdade, veremos todos os caminhos convergindo para um único ponto. Deixe-se cada homem ser completamente persuadido na sua mente e a melhor maneira de ser persuadido é avançar e trabalhar pelo bem da humanidade. Aqui em baixo apenas temos o arco quebrado; somente no céu teremos a abóbada perfeita.

Deixe-se prevalecer o Amor Fraternal, então estaremos a auxiliar na evolução que, tal como Krishnaji dizia no seu livro “*Aos Pés do Mestre*”, é o plano de Deus para o homem. Permanecemos unidos como irmãos e trabalhemos em conjunto. A fraternidade do homem é uma grande realidade; a fraternidade desta Sociedade deve constituir uma grandiosa realidade para nós. Eu estive quarenta e sete anos nela e continuarei com ela até ao final desta encarnação, e espero vir a saber o bastante na próxima encarnação para me juntar a ela de novo.

∞

reimpressão do *The Theosophist*, Agosto de 1930
in *The Theosophist*, Agosto de 1911

Liberdade em Nós

N. SRI RAM

Quando alguém fala de Liberdade, o que geralmente tem em mente, é uma liberdade de condições particulares ou de certas relações consideradas incômodas, e que impedem a pessoa de atingir aquilo que deseja. Mas há na vida inúmeras coisas desagradáveis que acontecem inevitavelmente. Mesmo numa pessoa que esteja completamente satisfeita, livre de inquietações e tormentos, essa condição não durará muito. As pessoas acabam por se cansar mesmo do que lhes deu o mais subtil dos prazeres. O desgosto e o sofrimento, mais cedo ou mais tarde, irão ao seu encontro.

Surge, portanto, uma pergunta: será possível atingir um estado de total liberdade, no verdadeiro sentido, não uma liberdade parcial e temporária, disto ou daquilo? Se for possível responder afirmativamente, como o fizeram os grandes Mestres espirituais que investigaram o problema no seu mais alto grau de profundidade, não pode haver nada de maior significado para as nossas vidas.

Tal liberdade deve, obviamente, significar liberdade dentro de nós, um estado da mente e do coração, não dependente de outra pessoa ou de qualquer circunstância exterior, sem contudo ser isolamento ou imobilidade.

A essência da Liberdade reside na possibilidade de acção. A Vida, a energia única que existe, é um contínuo fluir e significa relação em todos os sentidos, sem a qual não poderia sequer existir, tal como a conhecemos. Percepção, interesse, resposta, acção, estas são as suas características, as quais para a entidade

consciente, o «sujeito» distinto dos objectos exteriores a ele, constituem a relação, num sentido real e vivo.

Ao considerarmos a possibilidade de liberdade, mesmo nas diversas relações prevaletentes, permitindo um fluir mais livre da vida e das suas expressões, tem de ser feita uma importante distinção entre o sujeito, cuja natureza é puro conhecimento, e todas as faculdades que dele derivam, que constituem a inteligência, e o «eu» em cada um de nós com o qual se funde, para todas as intenções e objectivos.

O «eu» tem uma natureza diferente, sendo um centro de reacções que acontecem mecanicamente. Como resultado destas reacções, que se dão despercebidamente, há uma identificação entre o Ser, no qual há a faculdade de conhecimento, e as impressões que ele recebe, entre a consciência pura e as imagens que nela se formam a partir de objectos exteriores. Uma lâmina colorida, vermelha por exemplo, pode ser colocada sobre vidro absolutamente transparente. Se este vidro fosse animado e capaz de imaginação, mas estivesse num estado semi-adormecido, não atento, poderia pensar-se a si próprio como sendo vermelho. Um fenómeno semelhante é conhecido em casos de doença mental, em que o paciente julga ser qualquer outra pessoa, cuja imagem tem na sua mente. É assim que uma pessoa se identifica a si própria (devido a diferentes reacções) com o que lhe é externo, isto é, exterior ao seu ser essencial, quer seja uma raça, um país, a religião que lhe foi ensinada ou qualquer outra coisa, incluindo

todas as experiências do passado que se encontram na memória. A consciência que assim se identificou é o «eu» separado dos outros «eus». À compreensão primária do «Eu sou», acrescenta os elementos da sua identificação, «Eu sou isto ou aquilo». A identificação, que é devida à ausência de uma percepção clara ou de uma atenção desperta, é uma ilusão psicológica e que não existe na verdadeira natureza das coisas.

Apesar dessas identificações inconscientes, a mente que pertence a esse «eu» e que está activa sob a sua sombra, pode mover-se rápida e habilmente, mostrando grande engenho. No entanto não há liberdade nas suas raízes. Enquanto houver um sentimento de orgulho no exercício das suas capacidades, não haverá a condição ou o sentimento de liberdade em nós. Uma vez que o «eu» implica enclausuramento (e vemos isso na vida quando as pessoas se fecham naquilo que pensam que lhes pertence) não pode haver liberdade real para esse «eu». Ele apenas pode ser livre duma coisa particular por um certo tempo. A liberdade consiste verdadeiramente em libertar-se do «eu», das suas tendências e da acção que daí resulta.

A acção desta entidade limitada, no campo em que opera e se move, é manejada por forças que a atraem para certas coisas e a afastam de outras segundo vários graus de intensidade. São as forças dos seus desejos, medos, necessidades, ódios e desgostos; e há outras forças relacionadas que actuam por caminhos complexos e tortuosos. É nas malhas criadas por essas forças que a entidade consciente é apanhada, tanto mais seguramente quanto mais se identifica com essa rede. Os movimentos dessas forças são sentidos por ela como os seus próprios movimentos. Isto faz parte do processo de identificação. Assim, existe por um lado a identificação, que é ilusão, e por outro lado os movimentos destas forças, a sua acção e resultado.

Em estados de não consciência, os movimentos são muito mais elementares, confusos e mecânicos. Podemos observar isso nos nossos pensamentos e sentimentos. Contudo, por um processo de inter-ajustamento, estes movimentos caem num padrão estabelecido comparativamente, que varia de indivíduo para indivíduo graças à experiência particular de cada um e às suas reacções a ela. Este padrão torna-se um mecanismo psicológico que trabalha automaticamente, tendendo a repetir sempre os mesmos pensamentos e emoções. Quanto mais automática for a acção, menos consciente se está dela. Assim, as pessoas irritam-se ou têm sentimentos desonestos sem se aperceberem disso.

O pensamento, quando não está especificamente dirigido para um fim em vista, passa de umas coisas para outras através de cadeias de associação das nossas lembranças, sem qualquer vontade real da nossa parte, de acordo com hábitos e tendências adquiridos. Esta espécie de pensamento, que tão larga parte tem nas nossas vidas, acontece por si própria, como se fosse um sonho em que não se está nem completamente desperto nem completamente ausente.

O que liga a entidade no centro ao objecto com o qual se confronta numa determinada altura é a energia da sua atenção, que pode ser caracterizada por diferentes graus de intensidade que correspondem às diferentes afinações da corda de um violino. A sua distensão significaria uma falta de atenção ou de interesse. É com essa apatia que as pessoas encaram a maior parte das coisas que não as afectam com uma sensação de prazer. Se todas as cordas, todos os raios, que partem do centro, não vibram, isso significará um estado de indiferença geral que provoca o tédio, ao qual as pessoas reagem, ao fim de algum tempo, com grande apetite de sensações e excitantes. Pelo contrário, o excesso de tensão manifesta-se por ansiedade, agressividade, etc.

As pessoas estão tensas por causa do medo, da ambição, da ânsia de acumular e de possuir, por desejarem experimentar uma sensação que antecipam e também dominar e impressionar os outros. Mas tudo isto está longe da liberdade que existe dentro de nós próprios e que podemos experimentar em certos momentos como um estado de bem-estar, de paz perfeita e felicidade trasbordante. É a libertação de todas as tensões, à excepção da que corresponde a uma corda perfeitamente afinada – sem ansiedade nem inibição – capaz de vibração e ressonância. O todo contínuo da consciência, que podemos conceber como sendo constituído por inúmeros raios ou cordas, pode estar nesse estado acima referido. Sem uma verdadeira desconstracção interior, embora não frouxa, não apática, não haverá a possibilidade de ver as coisas – quaisquer que elas sejam – com perspectiva e na sua ordem natural, sem exageros ou confusões.

Num estado de íntima liberdade, a acção não resulta de um impulso, consciente ou inconsciente, para preencher um vazio interior. A acção apenas se realiza pela sua própria rectidão, não pelo seu «fruto», usando as palavras do Gita, nem para obter qualquer coisa por meio dela, quer seja material ou psicológica. O prazer de se ser elogiado, de causar boa impressão, ou de se ser levado na onda do sucesso, não pertence a essa acção. Nem tão pouco lhe pertencem as várias reacções pessoais que servem vulgarmente de motivação. A acção nasce livremente de um estado de autocontenção e equilíbrio que não é alterado por qualquer impulso. É acção não forçada de dentro ou de fora. Não dirigida por forças mecanistas, provém de uma inteligência que está desperta e não obscurecida pelas sombras do «eu». Tem o carácter de um brotar completamente livre, como a compaixão sem esforço, como a dádiva que nada espera, como o amor.

Podemos ver uma ave planando, deslizando, volteando ou abrindo o seu caminho para qualquer lugar. Parece alegrar-se com esses movimentos que realiza em liberdade. Os movimentos são espontâneos e exprimem a alegria de mover-se. Não são desprovidos de inteligência em relação ao seu objectivo. Mas a sua acção é instintiva. Um estado de liberdade no coração e na mente de um ser humano tem características semelhantes: acção nascida de um instinto de rectidão (que é um composto natural de um desejo justo e de um julgar perfeito, baseados num equilíbrio instantâneo de factores), e uma alegria nessa acção, espontânea nos impulsos que a causam. Amor, generosidade, desejo de dar ou ajudar, tudo isso surge espontaneamente.

Tal liberdade é a própria natureza do Ser e é como o sopro de vida que anima cada célula do corpo vivo. Para se obter esta liberdade, deve-se desejá-la como algo que é em si mesmo belo e digno de ser amado como a imensidão do céu de profundidade sem limites, e não procurar trazê-la para o estreito confinamento do «eu». Para se saber realmente o que ela é, deve-se ter a percepção dos obstáculos e das malhas da complicada rede em que nos movemos. Dado que a nossa existência se tem desenrolado como um longo processo mecânico, como num sonho sobre o qual não temos controlo, isso pode ser inteiramente modificado se acordarmos desse sonho. A diferença entre o estar acordado e o sono é essencialmente a diferença entre o estar atento e o estado de total desatenção. Tem de prestar-se atenção àquilo que tem significado para a nossa vida. É só através do autoconhecimento que nos poderemos libertar completamente; mas esse não é uim conhecimento adquirido através de livros que contenham vários termos e descrições, mas sim o saber derivado da observação de nós próprios em cada momento, tal como somos, pensamos e agimos.

A meta da Libertação, proposta desde a mais remota antiguidade na Índia ao investigador religioso, é realmente um estado de Liberdade absoluta em nós. E foi compreendida como um fim reservado a cada ser humano, a ser atingido à custa de muita energia. Pensa-se geralmente que este fim é a união com Deus. Mas não se sabe qual o significado da palavra Deus. Também tem havido discussões quanto ao verdadeiro sentido desta união. Mas apenas se pode saber a verdade relativa a tais questões, directamente por nós mesmos e só quando todos os preconceitos em relação a eles

tiverem sido eliminados das nossas mentes. Há em nós a condição necessária para a percepção da verdade, quer em relação a estes assuntos transcendentais, quer em relação a quaisquer outros que nos possam dizer respeito na prática.

A Liberdade é essa condição, porque é a libertação de toda a tendência que possa desviar-nos da verdade absoluta.

Apenas pela liberdade em nós pode florescer a beleza e o génio latentes no homem. ∞

in Osiris nº169, Janeiro-Março de 1975
in The Theosophical Review, Outubro de 1972

Viver com atenção conduz à purificação de si mesmo, o que significa elevar-se acima do eu pessoal, limitado e restritivo, o qual erroneamente é assumido como a nossa identidade separada e distinta em termos de corpo físico, de emoções e de pensamentos. A purificação de si mesmo conduz à compaixão e a ações amorosas espontâneas de pensamentos, palavras e obras. Podemos mesmo dizer que a purificação de si mesmo, o amor abnegado e o serviço andam sempre juntos. O Mahachohan fez a seguinte advertência: “Todos nós temos que nos livrar dos nossos próprios egos, o eu aparente e ilusório, para reconhecer o nosso verdadeiro eu, numa vida divina transcendental”.

Surendra Narayan
in The Theosophist, Novembro de 1999

Karma e Consciência

C. V. K. MAITREYA

Saber implica “estar em paz com si mesmo” porque existe “total união entre o Conhecedor e o Conhecido”. Neste estado, o karma fica suspenso. Até então, somos confrontados com o quadro vasto, incompreensível que a Lei do Karma apresenta. Madame Blavatsky disse: *Transmitir o mais leve esboço dos Estados de Consciência é a coisa mais difícil do mundo, visto que o Universo é Consciência corporificada e o conhecimento dos Estados de Consciência significa o conhecimento dos Planos do Universo e de todas as correspondências no Cosmos, no Sistema Solar e no Homem.*

Não nos detenhemos apenas nos aspectos didáticos e teóricos e passemos a considerar os aspectos práticos da nossa caminhada para a auto-realização. Os modos complexos, e por vezes inexplicáveis, da Lei do Karma não podem ser compreendidos pelo não iniciado e pelo leigo. Contudo, é ao seguir-se cuidadosamente o caminho da auto-negação que se consegue atravessar o mundo maiáxico da psique e se ascende aos reinos que não deixam pegadas nas areias kármic, as quais precisam de ser revisitadas para se enfrentar a retribuição mais tarde, em qualquer tempo, talvez mesmo numa vida posterior.

Diz-se haver três tipos de Karma: *Sanchita* Karma, *Prârabdha* Karma e *Âgâmi* Karma.

1. *Âgâmi*: acções corporais boas e más – perpetradas depois de adquirido conhecimento discriminativo.

2. *Sanchita*: acções perpetradas anteriormente, que são como sementes que crescem em inúmeros nascimentos.

3. *Prârabdha*: as acções deste corpo (i.e. nascimento) que dão prazer ou dor somente nesta vida.

Em *The Theosophist* (vol.X p.235) está escrito: *Sanchita-karma inclui méritos e deméritos humanos acumulados em todos os nascimentos anteriores. Aquela porção de Sanchita-karma destinada a influenciar a vida humana na presente ou noutra incarnation é chamada Prârabdham. O terceiro tipo de karma é resultado dos méritos e deméritos dos actos actuais. Âgâmi cobre todas as vossas palavras, pensamentos e actos. O que pensais, o que dizeis, o que fazeis, bem como quaisquer que sejam os resultados que os vossos pensamentos, palavras e actos produzam sobre vós e naqueles que por eles são afectados, são incluídos na categoria do karma presente, os quais certamente influenciarão o equilíbrio da vossa vida, para o bem ou para o mal, no vosso desenvolvimento futuro.*

O homem funciona no mundo dos fenómenos utilizando a sua mente ou manas. A criação de karma depende grandemente do motivo que desencadeia a acção. Madame Blavatsky disse: *A lei do Karma é uma lei moral e onde não houver responsabilidade moral não pode haver aplicação da lei do Karma.* Isto significa que uma acção que não tenha um motivo bom ou mau não pode criar Karma. Shri Krishna, no *Bhagavadgîtâ*, clarifica ainda mais este aspecto.

Encontramos a instrução ou exortação para que almejemos alcançar o estado de consciência que está para além do alcance do Karma e para além da mente. Quanto mais tentamos compreender o que poderá ser este plano da

consciência ou estado do ser, mais somos levados a compreender que ele não é pessoal mas universal e que é de facto o “centro da vida” e da consciência.

Madame Blavatsky disse: *Toda a transgressão na vida privada de um mortal é, de acordo com a filosofia Oculta, uma espada de dois gumes nas mãos do Karma; um para o transgressor, o outro para a família, a nação, às vezes mesmo para a raça que lhe deu origem.* Também o Nirvana não deverá ser exclusivo.

J. Krishnamurti, o filósofo místico, declarou: *Assim, consciência com a qual vos haveis identificado como vossa consciência “individual”, é uma ilusão. Ela é a consciência da restante humanidade. Vós sois o mundo e o mundo sois vós.*

Vede, por favor, a responsabilidade que isto implica. Haveis lutado toda a vossa vida como indivíduo, algo separado do resto da humanidade, e quando descobris que a vossa consciência é a consciência da restante humanidade, isso significa que sois a humanidade e não um indivíduo. Podeis ter uma própria capacidade particular, tendência, idiosincrasia, mas sois realmente o resto da humanidade, porque a vossa consciência é a consciência de todo o ser humano.

Que quer isto dizer? Num mundo violento em que uma corrida de ratos rapidamente se transforma em guerra e, por fim, em terrorismo, precisamos de encontrar este sentido de unidade, este espírito de fraternidade universal. Foi-nos ensinado que o único fundamento seguro para a moralidade universal é a fraternidade universal. Mas isto não pode acontecer onde o motivo for o eu. Isto não pode acontecer onde a mente estiver fechada. Isto não pode acontecer onde os pensamentos e motivos dos seres humanos forem impuros. Para além do facto de que o pensamento influencia a acção de cada um, o pensamento também influencia os pensamentos e acções dos outros. Devemo-nos deter neste aspecto do ponto de vista não só do que os

místicos e filósofos disseram, mas do que os cientistas têm hoje a dizer.

Annie Besant disse (*Formas Pensamento*): *É nossa ardente esperança, bem como crença, que este livrinho sirva como importante lição de moral a todo o leitor, para que se aperceba da natureza e poder dos seus pensamentos, funcionando como um estímulo para o nobre, um freio para o vil. Com esta crença e esperança enviamo-lo para que siga o seu caminho...*

Telepatia, clarividência, movimento sem contacto, embora ainda não admitidos no quadro científico, estão aproximar-se do palco da Cinderela. O facto é que a ciência impulsionou tão longe as suas pesquisas, usou uma tão rara ingenuidade no seu questionar sobre a natureza, evidenciou uma paciência incansável nas suas investigações que está a receber a recompensa daqueles que procuram, e forças e seres do seguinte plano superior da natureza começam a mostrar-se na margem exterior do campo físico.

Estas palavras escritas há quase um século revelaram-se proféticas. Actualmente, muito trabalho iluminado e inspirado de cientistas está rapidamente a passar daquilo a que se podem chamar franjas para o que a ciência moderna exacta aceita como facto verificado. Contudo, esta é uma longa caminhada e uma tarefa árdua para o cientista sério em busca do espiritual. É importante mencionar parte do trabalho interessante que está a ser desenvolvido por alguns destes cientistas. O seu trabalho tem impacto não só no mundo científico como também no mundo moral e espiritual.

Rupert Sheldrake, chamado biólogo controverso, declarou:

Os campos mórficos da actividade mental não se confinam à parte interior das nossas cabeças. Estendem-se muito para além do nosso cérebro por meio da intenção e da atenção. Estamos já familiarizados com a ideia de campos que se estendem para além dos objectos materiais onde têm

as suas raízes: por exemplo, os campos magnéticos estendem-se para lá da superfície dos magnetos; o campo gravitacional da terra estende-se muito para além da superfície da terra, mantendo a lua na sua órbita; e os campos de um telefone celular estendem-se muito para além do próprio telefone. De igual modo os campos das nossas mentes se estendem muito para lá dos nossos cérebros.

Num entrevista com Mathew Cromer, Rupert Sheldrake afirmou que, segundo ele, a ciência é um método e não uma posição. Isto de facto incorpora o espírito de inquirição.

Passando a outras investigações, encontramos descobertas surpreendentes de interligação entre dois seres humanos. Dream Telepathy, obra em co-autoria de Montague Ullman, MD e Stanley Krippner, PhD com Alan Vaughan, fornece pormenores sobre o trabalho da equipa de pesquisa do sonho no Centro Médico Maimonides, na Cidade de Nova Iorque. Ao longo de um período de dez anos, realizaram experiências científicas pioneiras sobre sonho telepático. É-nos dito que a equipa investigou como uma pessoa pode transferir pensamentos para outra enquanto a segunda pessoa estava a dormir e, assim, influenciar os sonhos dessa segunda pessoa.

Estão em concordância com o que está escrito em *Distant Mental Influence: Its Contributions to Science, Healing and Human Interactions [Influência Mental à Distância: seus Contributos para a Ciência, a Cura e as Interações Humanas]*, de William Braud:

Posto de forma concisa, a prova compilada neste volume indica que, sob determinadas condições, é possível conhecer e influenciar os pensamentos, imagens, sentimentos, comportamentos e actividades fisiológicas e físicas de outras pessoas e de organismos vivos – mesmo quando aquele que influencia e o que é influenciado estão separados por grandes distâncias espaciais e temporais, para além do alcance dos sentidos convencionais.

Dado o facto de os modos usuais de conhecimento e de influência terem sido eliminados nestes estudos, o seu êxito revela modos de interacção e interligação humanos que estão para lá dos que são correntemente reconhecidos nas ciências convencionais naturais, comportamentais e sociais. Para além de indicar áreas de incompletude e de equívocos sobre os fenómenos que existem nas teorias científicas correntes, estas descobertas sobre a influência mental à distância têm implicações importantes para uma mais profunda compreensão da consciência, da saúde e do bem estar, do nosso potencial humano disponível mas não utilizado e dos aspectos espirituais das nossas vidas.

Existem outras investigações tão valiosas quanto estas. A relação simbiótica entre seres humanos não é nada de novo. É um facto indiscutível e imortal que a Mãe Natureza nos ligou a todos por laços de fraternidade e de simpatia.

Mumukshutva é por vezes interpretado como “*um estado de desejo intenso por libertação*”. Os nossos ensinamentos recordam-nos constantemente que ele é, na verdade, o oposto de egoísmo. É um estado de Compaixão ou Amor. Este Amor abrange todos os seres sensíveis e toda a vida. Quando Patanjali menciona a execução de *samyama* na senda de *kaivalya*, não se refere a um “exercício” ou a um processo. A maior parte dos praticantes só consideram *ásana* e *prânâyâma* quando falam de Yoga. É o deslindar do mistério da consciência que nos revela que, quer se trate de Karma ou Nirvana, não é apenas individual mas colectivo. Aquele que não perceber isto é cego.

Visto que só no homem existe esperança, não deixarei um só chorar que eu possa salvar!...

Estas palavras ressoam aos nossos ouvidos. Basta que invoquemos com elas o Altíssimo. ∞

in The Theosophist, Setembro de 2009

Em Qualquer Situação...

CURT BERG

Qual é a verdadeira direcção do trabalho da Sociedade Teosófica? Eis uma pergunta que deveríamos examinar com frequência, de modo a estarmos aptos em qualquer situação a dar-lhe uma resposta satisfatória. Vejamos algumas ideias.

Há já muitas pessoas nos nossos dias que começaram a interrogar-se acerca da presente situação mundial.

Por que espécie de valores se 'rege a vida no Ocidente? Permitimos que o nosso conhecimento tecnológico nos domine até ao limite de actuarmos de acordo com o princípio de que tudo o que pode fazer-se deve ser feito? Ou estamos nós preparados para abandonar o que é tecnologicamente possível a favor de valores mais humanos? A favor de um ambiente que, melhor do que agora, tome em consideração as necessidades da Natureza e do Homem? A favor de um mais largo espírito de comunidade entre os seres humanos? Estamos nós preparados para renunciar ao nosso elevado padrão de vida de modo a conduzir realmente à igualdade entre todos os homens do mundo? Sentimos nós uma verdadeira responsabilidade para com as gerações futuras, de forma a economizarmos os recursos da Natureza – ar, água, solo, plantas – e esforçarmo-nos por viver em harmonia com o próprio equilíbrio da Natureza? E devemos insistir no facto de que esta responsabilidade não é apenas nossa, aqui e agora, mas também das gerações vindouras.

Tudo isto diz respeito à vida na sua totalidade; é necessário ver como as diferentes partes estão

relacionadas e mutuamente interdependentes. É importante ter uma ideia clara do modo como as diferentes partes formam um todo, e que esta ideia seja bem integrada no conhecimento utilizável, por exemplo, através da ciência. Um quadro geral desta espécie, baseado no conhecimento, deveria existir na mente de todos os Teósofos, na medida das suas possibilidades. Mas a nossa tarefa vai muito para além disto.

A visão teosófica da vida refere-se principalmente ao seguinte: tudo o que vive tem as suas raízes num princípio eterno e ilimitado, isto é, tudo emanou de uma Realidade una. Assim, há uma origem comum; há correntes de vida que, infinitamente diversificadas, vêm da origem e derramam-se por todas as partículas de existência. Esta verdade é o âmago da visão teosófica da vida. Embora algumas vezes pareça abstracta e difícil de compreender, no entanto temos aí a possibilidade de sentir que todas as partes formam um todo, de ver o mundo como um mundo, de saber que somos um com todos os outros seres e com tudo o que participa da Vida Una.

Este reconhecimento de que tudo é um é o ponto de partida para um mundo melhor. O intelecto não basta para o conseguir; outras faculdades do homem devem entrar em acção. Contudo, o intelecto pode dar uma contribuição importante, contanto que seja desligado dos seus actuais vínculos com a visão da vida baseada na matéria, que ainda prevalece no Ocidente.

Mas há também outras maneiras mais directas de o homem experimentar esta unidade com a vida que o rodeia, isto é, no momento

em que ele enfrente esse fragmento de vida, quer seja uma flor, um animal, ou um ser humano, vê-lo com íntima receptividade sensível. Nesta atitude de extrema sensibilidade, todas as ideias preconcebidas desaparecem, sim, mesmo todos os pensamentos e ideias e não há mais nada excepto receber esta expressão de vida com respeito pela sua essência.

O que foi dito acima, podia ser resumido nos seguintes pontos. Que cada um de nós medite sobre eles e depois actue de acordo com a conclusão a que chegar:

- ter um interesse vivo pelo mundo como um todo, no futuro que é comum a todos nós;
- tentar ver, cada vez mais claramente, como tudo entra neste todo, como cada coisa depende das outras;
- ter respeito por cada partícula deste todo, respeito pela grandeza que se oculta nele;
- exprimir na nossa própria vida as consequências daquilo que assim experimentamos, modificando os nossos hábitos e reacções,

todo o nosso estilo de vida, de acordo com esse respeito que sentimos;

– partilhar os nossos pensamentos e experiências neste sentido, com os outros, num constante intercâmbio – o nosso irmão pode ter percorrido outros caminhos de conhecimento, ter tido as suas próprias experiências, cada um é um ser com os seus próprios direitos e cada um tem algo de que podemos tirar ensinamentos;

– manter perante o mundo esta visão de totalidade e respeito pela vida, para auxiliar os movimentos que trabalhem nesta direcção.

Para terminar, algumas palavras de Aldous Huxley, nas quais ele aponta para certos aspectos da mensagem de J. Krishnamurti:

Há esperança para a humanidade no homem, não nos sistemas sociais, nem nos sistemas religiosos organizados, mas em vós e em mim. ∞

in Osiris, nº178, Abril-Junho de 1977

in The Theosophical Journal, Novembro-Dezembro de 1975

Abimsa é uma qualidade positiva e dinâmica de amor universal, e não uma simples atitude de não-violência. Aquele que a desenvolve vive rodeado de uma invisível aura carregada de amor e de compaixão, embora não os expresse ao nível emocional.

I. K. Taimni
in A Ciência do Yoga

O Lado Oculto das Coisas e da Vida

JOSÉ ANTÓNIO ALVES

Porque é que determinadas coisas acontecem de uma determinada maneira e não de outra? Haverá algo que nos costume escapar e não nos deixe ver a essência das coisas; aquilo que as faz mover ou movimentar e que permaneça oculto ao olhar humano? E, se houver, o que é? A haver esse tal algo que faça tudo funcionar, isso, o que quer que seja, também estará dentro do ser humano? Vamos tentar descobrir em conjunto?

Uma célula sabe perfeitamente qual é o papel que desempenha quando integrada no conjunto das outras células que compõem determinado órgão ou organismo. Quando um átomo é expelido numa exalação e fica a flutuar no mundo, o que sobrevive desse átomo é muito mais importante que o próprio átomo. O que sobrevive é a maneira como ele sabe como construir uma célula, como ele sabe como se comporta uma célula e como esta se relaciona com outras células.

Como pode um filamento de moléculas simples, por exemplo, ao longo de uma cadeia de ADN, saber tudo isto? Como pode ele registar o comportamento e os registos de todo um organismo muito maior que esse filamento?

Embora possamos não saber nada de biologia, estes conhecimentos trazidos pelos biólogos, levam-nos a uma conclusão tão simples quanto fantástica: o conhecimento é a essência, que ninguém jamais verá ou tocará.

E só quando morremos estamos aptos para ir à procura da resposta, porque nesse momento somos confrontados com a nossa essência

escondida por trás do véu oculto da matéria. Nós somos, em permanência, a essência da vida e de como ela se processa e constrói.

Esta química oculta, que se processa sem que a consigamos ver, está impressa em toda a Natureza e no Universo. Os melhores exemplos para podermos perceber e sentir são-nos dados pela vida de todos os dias: Eis dois deles:

1 – Uma semente de uma árvore, depois de enterrada no solo e sem que ninguém veja, processa toda a sua informação e essência de forma misteriosa. Passado algum tempo eis que surge um pequeno caule, depois engrossa e torna-se um tronco, com ramos, folhas, flores e frutos. O que a impulsionou? Que programação trazia a semente para dar lugar a tantas transformações? Quem a programou?

2 – Um espermatozóide move-se incessantemente até encontrar um óvulo. O que o impulsiona? Quem o programou? E depois de atingir o óvulo, dando lugar a um embrião, como podem duas pequenas células ter uma programação tal que venha a dar origem ao mais completo ser que habita a terra? E que tal transformação se efectue longe dos nossos olhares?

Estes dois pequenos exemplos contêm em si tantos ensinamentos que quase os poderíamos transformar em paradigmas do SER. Eles são essências. As essências estão ocultas neste nível da matéria grosseira ou densa, mas são elas que tudo programam, tudo fecundam que tudo impulsionam. O que se vê a seguir é apenas a manifestação dessa essência.

Daqui que possamos inferir que tudo o que é real num dado nível de consciência é irreal no outro. Ou seja, o essencial é invisível para os olhos, como lhe chamou um escritor famoso.

Da mesma forma não nos devemos admirar que o universo contenha apenas 4% de matéria e energia visíveis, sendo os restantes 96%, aquilo a que se chama “matéria negra”, não porque tenha alguma cor específica mas porque os cientistas não a vêem registada nos seus instrumentos de medição. Ora essa “matéria negra” tem por função agregar o universo visível de uma forma que nos parece completamente misteriosa. Assim Deus, o Criador, a Causa sem Causa ou como lhe quisermos chamar, não tem que ser algo determinado mas simplesmente um campo de forças, electromagnético e invisível, a partir do qual tudo o que é visível está organizado e sustentado.

É aqui que nos lembramos de Krishnamurti. Dizia este filósofo que, na Natureza e na Vida, a unidade entre o Observador, a Coisa Observada e o Processo de Observação, eram as questões fundamentais na estrutura do Universo. Esta espécie de “Três em Um” está em perfeita unidade. Assim Deus é o Criador e a sua Criação. Logo que projecta a sua criação para o exterior, a unidade transforma-se em multiplicidade. E isto é o equivalente ao Big Bang. Quando o Criador começa a olhar para si próprio, há imediatamente um estado de “Três em Um”. O Observador (Deus) contempla os objectos que criou (A Coisa Observada), através do Processo de Observação. Assim que os três emergem do “nada”, todo o Universo surge com eles. A matéria e a anti-matéria, projectada e dispersa pelo Big Bang, são apenas uma faceta de um mecanismo invisível, no qual o Criador vê o que é possível, e nesse olhar penetrante

e instantâneo, o possível concretiza-se em variedade infinita.

Como deveremos chamar a este processo? Química Oculta? Alquimia? Transformação essencial? Talvez o nome nem sequer interesse, mas sim a função que é executada sem que a vejamos.

Neste Universo, os quatro elementos (terra, ar, água e fogo) combinam-se misteriosamente e dão origem à Vida. Um corpo humano é, inegavelmente, constituído por terra, ar e água, provenientes da alimentação. O fogo que transforma essas substâncias inertes em vida não é aquilo que se chamará um fogo visível. É sim o fogo da transformação oculta, o agente transformador e aquilo que é transformado.

E cada ser humano é o próprio transformador, o alquimista do seu próprio ser, transformando ininterruptamente, moléculas destituídas de vida, na sua essência intrínseca, em energia. Este acto, oculto dos nossos olhos, é o mais criativo e mágico que cada um pode processar, sem sequer ter do mesmo, consciência.

Neste nível, não existem limites para as possibilidades de realização desta alquimia. Em qualquer momento da sua vida, qualquer ser humano, pode, em simultâneo, ler um livro, digerir uma refeição, fabricar proteínas, produzir enzimas, armazenar informação na sua memória, crescer, respirar, perceber o ambiente que o rodeia, curar uma ferida, substituir células mortas, combater vírus, entre muitas outras actividades. Todas estas actividades ocorrem sem que o ser humano saiba onde elas ocorrem e se dê conta delas. E poucas são as pessoas que param um pouco para pensar nessa figura que não se vê mas que, escondida, quase na sombra, trabalha incessantemente não habitando nem o espaço nem o tempo, mas sim a eternidade, para além do alcance da memória. ∞

Real? Talvez Nem Tanto!

MARIA JOÃO FIGUEIRA

O egoísmo pessoal, o comodismo, a falta de generosidade, as pequenas cobardias do quotidiano, tudo isto contribuí para essa pernicioso forma de cegueira mental que consiste em estar no mundo e não ver o mundo, ou só ver dele o que, em cada momento, for susceptível de servir os nossos interesses.

Saramago

Olhemos em volta. O que vemos? A nossa mão, uma mesa, uma árvore... Tudo são objectos que estamos acostumados a ver, cuja existência e essência usualmente não questionamos. No entanto, será que o que estamos a ver existe mesmo?

Desde há muito tempo que os homens colocam a si a mesma pergunta. O que é real? O que os nossos olhos nos mostram é real? Existe tal como nós o vemos?

Desde Demócrito, que viveu entre 460 a.C. e 370 a.C., que o homem considerou que, ao dividirmos a matéria, chegaríamos a um pequeno corpúsculo, designado por átomo, do grego $\alpha\tau\omicron\mu\omicron\varsigma$, que significa não divisível. Mais tarde, já no século XIX, Joseph Thomson descobriu que era possível separar da matéria umas partículas com carga negativa a que chamou electrões; aí começa a saga do átomo. Foi desde então mais e mais dividido: núcleo, prótons e neutrões, quarks, matéria e antimatéria... e nunca mais parámos. O limite é o da imaginação e o da técnica. Para partir o átomo mais e mais finamente é necessário aplicar energias cada vez maiores e os limites da tecnologia mas a sua ultrapassagem tem-nos proporcionado momentos fantásticos em que somos confrontados connosco e com as nossas limitações.

À medida que, durante os séculos XX e XXI, os cientistas têm vindo a penetrar mais profundamente na estrutura do infinitamente pequeno, mais aturdidos têm ficado com o que têm vindo a encontrar. Cada vez mais as teorias que precisam conceber para explicar o que encontram se afastam da física clássica, certinha, que responde razoavelmente ao que os nossos sentidos nos dizem e portanto à nossa noção da realidade. Até que por fim, os cientistas têm sido confrontados com o facto de que os métodos e a visão exclusivamente baseada na ciência não explicam o que eles vêem. As teorias científicas que se encontram associadas à mecânica quântica e à relatividade, duas áreas completa e diametralmente distintas, já que a primeira se aplica ao infinitamente pequeno, átomos e seus constituintes e a segunda ao infinitamente grande, estrelas e galáxias em movimento, levam-nos a pensar de forma metafísica e já não apenas física. Por esse facto, os cientistas tornaram-se filósofos e os filósofos tornaram-se cientistas. É cada vez mais real e necessário efectuar o trabalho com equipas transdisciplinares.

No entanto, será que tudo isto é real?

Quando damos um aperto de mão a um irmão não estamos realmente a tocar nele. E porquê? Os átomos são constituídos por um núcleo com carga positiva e os electrões deslocam-se à sua volta, não sabendo nós nunca

exactamente onde cada um deles se encontra... algures num espaço que é cerca de 10 000 vezes maior do que o núcleo. Ora o electrão é uma partícula extremamente pequena, digamos um berlinde a voar num campo de futebol, de forma tão rápida que não a vemos nem sabemos onde está... a única coisa que podemos dizer é: talvez ela esteja ali, ou talvez não. Há até uma equação matemática para descrever esta probabilidade e um princípio que a define: o *Princípio da Incerteza de Heisenberg*. No meio do campo de futebol encontra-se uma bola, o núcleo. Esse, em princípio, sabemos onde ele está! Valha-nos isso.

Será que o que nos é dado ver à nossa volta corresponde ao intrínseco valor das coisas? Pois se o que existe é essencialmente espaço vazio... O espaço vazio é a única coisa que existe entre mim e o outro. Vazio, sim, mas cheio de energia! No entanto, dado que os electrões têm carga negativa e que cargas negativas se repelem entre si, nunca há uma proximidade real entre a minha mão e o ponto onde julgo estar a tocar. No entanto o meu cérebro assim o entende. Que enganos ele me prega! E quão necessários esses enganos são para me dar a conhecer o que me rodeia.

Os electrões comportam-se umas vezes como radiação, outras vezes como partículas, dependendo da forma como a experiência é realizada. Assim, coloca-se hoje ao cientista a questão do observador e do observado, o que nos faz questionar se o que vemos é o que é, ou se apenas o que queremos ver... Como disse Helena Blavatsky em *A Voz do Silêncio*: “*Não podes caminhar no Caminho enquanto não te tornares, tu próprio, esse Caminho.*”

O som da água bem como a visualização da imagem das ondulações e movimentos da superfície de um espelho de água alteram a frequência das ondas cerebrais, tal como o pensamento também altera o comportamento da água e de tudo o que a contenha. No nosso corpo circulam fluidos, o sangue, a linfa, bem como impulsos

eléctricos. Tudo isto cria campos electromagnéticos que interagem com o que nos rodeia, o campo magnético da Terra e os campos electromagnéticos de outros seres vivos, por exemplo.

Segundo a física moderna, tudo o que existe não é mais do que a manifestação de uma única coisa – o campo. A forma como se manifesta em cada ponto é que determina o que nos é dado observar. O campo poderá ser pensado como radiação. Não o é, mas ajuda-nos a pensar nisso dessa forma.

A matéria não será então mais do que regiões do espaço onde o campo é mais intenso. Segundo a Teoria do campo que descreve o comportamento do Universo, cada partícula representa uma manifestação diferente do campo mas não existe por si. Não é real. A única coisa que é realidade é o campo.

Kekulé que descobriu a estrutura do anel benzénico é um dos exemplos de cientistas que descreveram o processo que viveram e que os levou a descobrir algo completamente novo. Este cientista descobriu em 1865 que a estrutura da molécula de benzeno, uma substância cujas moléculas são constituídas por 6 átomos de carbono e 6 átomos de hidrogénio, tem a forma de um anel. Durante muito tempo ele pensou e repensou sobre o assunto, trabalhando incessantemente para o resolver e um dia em que tentava escrever mas o trabalho não progredia, muito cansado, deixou-se adormecer junto à lareira. Enquanto dormia, em sonhos, viu os átomos, ligados uns aos outros faziam um bailado à sua frente, movendo-se como se fossem pequenas serpentes; de repente, uma dessas serpentes ligou a cauda e a cabeça, como se encontra na representação da Ouroboros e ficou a dançar à sua frente, como se o estivesse a provocar... Nessa altura, como se atingido por um raio, segundo as palavras expressas no seu diário, acordou e percebeu que essa era a forma da molécula de benzeno. Passou o resto da noite a trabalhar na análise das consequências desse facto.

Disse Carlos Castaneda: *“A Arte é uma emoção interior que dá conta de um Mistério. Um Mistério total que se eleva, magnífico, por cima de toda a expressão artística, que não pode ser escrava da representação social racional. As forças, as vibrações, as ondas, as energias, são apreendidas de uma forma totalmente distinta daquela das ideias, que são uma invenção humana”*. Existe portanto uma similitude entre o papel desempenhado pelo imaginário na criação artística e na criação científica.

É de referir que parece acontecer este facto com muitos cientistas, e há dois factos que são comuns a todas as experiências: a imersão num problema para o qual se trabalhou muito e ao qual se está emocionalmente envolvido e a paragem, o *desligar* do problema. Nessa altura estamos disponíveis para a ligação ao mundo das ideias, o que Jung designou por mundo dos arquétipos, e encontrarmos a resposta.

Algo que parece ser também comum nestes momentos é a ausência de palavras e dos próprios números ou sinais algébricos convencionais. Os símbolos que aparecem nestes sonhos são de uma qualidade mais universal e mais rica, os quais permitem uma associação de ideias mais livre e fluida. O período entre o sono e o despertar é o período em que o ser humano está mais susceptível a estas experiências. A percepção da globalidade exige necessariamente o sacrifício da precisão lógica. Como se apenas o imaginário fosse capaz de abraçar a infinita riqueza de um símbolo e como tal aperceber a luz que este encerra.

Se considerarmos que o real existe, então ele existe para além do mental, existe na unidade. O acesso ao real apenas poderá existir da nossa parte quando entramos em contacto com essa sabedoria não acessível pela razão. No entanto, a intuição dá-nos um vislumbre do que pode ser comum a toda a humanidade e que poderá assim ser o que mais próximo nos poderá ser dado a conhecer do real.

Einstein disse: *“A única coisa que realmente vale a pena é a intuição. O intelecto desempenha um*

papel muito pequeno no caminho para a descoberta. Existe um hiato na consciência, a que poderemos chamar intuição ou outro nome qualquer que queiramos, em que a solução nos chega e não sabemos como nem porquê”. Disse ainda Einstein que: *“a mente intuitiva é uma dádiva sagrada e a mente racional a sua serva fiel. Criámos uma sociedade que honra a serva e esquece a dádiva”*.

O Teósofo é um estudante que deve meditar nesta questão: o acesso à verdade, à realidade deve ser procurado sem esforço, tal como se encontra expresso no primeiro Arcano maior do Tarot, porque fatigar a mente impede o acesso à atenção, essencial para que se *possa ver*. É quando estamos atentos e tranquilos, não necessariamente concentrados, antes pelo contrário, que podemos fazer a ligação à unidade.

O método teosófico de procura do conhecimento é idêntico ao método científico: concentrarmo-nos no estudo, na apreensão dos conceitos e depois libertarmo-nos desses condicionalismos e deixar fluir, ficar à distância, deixar que as ideias fiquem a pairar e deixar que façam o seu percurso, sozinhas, sem que as agarremos. Então as ligações poderão ser feitas e teremos acesso a um vislumbre, ainda que sempre parcial, convém não o esquecer, da realidade.

Krishnamurti afirmou que a atenção global é uma virtude, uma qualidade primeva que importa desenvolver. A concentração excessiva restringe a visão, quando não a nega mesmo, enquanto a atenção nos deixa ver o que se encontra oculto atrás dos véus de Maya.

Independentemente da religião, tipo de crença ou tradição que cada um de nós siga ou mesmo que não siga nenhuma, há algo que se nos impõe como uma verdade insofismável, a união existente entre todos as pessoas, entre todos os seres vivos, entre nós e o universo. Ou melhor do que união, a unicidade. Tal como diz o Princípio Hermético. ∞

Teosofia e Filosofia

DÉLIO NOBRE SANTOS

1. Desde o aparecimento das obras de H. P. Blavatsky que o *mandala* da Teosofia ficou praticamente definido em toda a sua magnitude, beleza, profundidade e expressividade englobante.

2. A nossa Vice-Presidente mundial, Joy Mills, apresentou o *mandala* da Teosofia numa conferência realizada em Julho de este ano na Escola de Verão de Língua Inglesa, em High Leigh. Esse *mandala* permitiu, aos que a ouviram, captar uma visão filosófica da Teosofia, profunda e ampla e extraordinariamente inspiradora.

3. Disse-nos Joy Mills que esse *mandala* poderia ser representado por um círculo no qual se inscrevia um quadrilátero regular de lados iguais.

4. O primeiro *mandala* seria significativamente representado pela *Isis sem Véu*; o segundo *mandala*, pela *Chave da Teosofia*; o terceiro *mandala*, pela *Voz do Silêncio*; o quarto *mandala*, pela *Doutrina Secreta*.

5. Esta arrumação das matérias que abarcam todos os campos da Teosofia é, como dissemos, altamente inspiradora, mas não é a única possível. Tem no entanto o valor excepcional de pôr em evidência certas relações ou nexos de natureza filosófica, muito profundos, que, de certo modo, facilmente passariam despercebidos, mesmo a um estudioso atento e aplicado.

6. Na obra filosófica cuja publicação iniciámos, intitulada *Nova Instauratio Philosophiae*, surge-nos um outro *mandala* que reputamos também de algum valor.

Na *Quádrupla Raiz da Reflexão Filosófica* separámos, mas em relações coalescentes, uma via especulativa, designada *Filo-Logia*; outra, cujo título é *Filo-Sofia*; a terceira abrange o que alguns filósofos de inspiração grega, cristã e neo-platónica designaram por *Filo-Kalia*; e por fim, em conformidade com certas perspectivas místicas, filosóficas, científicas e metafísicas, a divisão mais importante, a que demos o título: *Da Pistis-Sophia à Pistis-Gnosia*.

7. Não poderá haver Filosofia completa sem estes quatro grandes *mandalas*, mas os *mandalas da Filosofia* neste caso coincidem com uma nova perspectiva dos *mandalas da Teosofia*.

8. Estes *mandalas* que acabámos de referir não são os únicos possíveis. Há, de facto, outros que podem ser apreendidos por uma delicada mas rigorosa combinação de um saber quase seguro no plano puramente formal e de um conhecer que lhe dá um conteúdo empírico, ontológico e ôntico, sem o qual o conhecimento formal, como afirmaram os positivistas lógicos da Escola de Viena é «um saber certo mas sem conteúdo». Bertrand Russell adoptou este ponto de vista de uma distinção radical entre o conhecimento das formas puras, relativamente seguro, e o conhecimento da Física com conteúdo, mas insusceptível de se formular sem ser em termos de uma probabilidade cada vez mais próxima de um Real que nos foge e que nunca poderemos alcançar por esta via. Mas, quando associamos de uma forma rigorosa e conveniente o saber formal e o conhecimento empírico, podemos apreender

graus de onticidades variáveis de um Ser que se nos revela cada vez mais um *Ser Translúcido*. De facto, os esquemas da Ciência contemporânea, isto é, aquela que se patenteia aos investigadores de 1975 graças ao uso de poderosos e complexos instrumentos formais, penetram nas camadas interiores sucessivas do ser empírico, percebido inicialmente como um ser opaco e que, graças às duas linhas de conhecimento, se revela um conhecimento translúcido, sempre mais perfeito, das realidades empíricas que nos rodeiam. Este aperfeiçoamento progressivo mostra-nos como o conjunto do saber, a que Descartes chamou Sapiência, nos conduz ao limiar da Teosofia e nos força a vê-lo englobado nesta.

9. O que acabámos de referir relativamente à Sapiência e à Filosofia do nosso tempo evidencia como as relações entre estas várias esferas e domínios do saber e do conhecer são complexas, ricas e profundas. Mas, apesar dessa complexidade enorme, ficamos surpreendidos ao verificar que essa complexidade não consegue ultrapassar a visão profunda da Cosmogénese e da Antropogénese expostas por Mme. Blavatsky na *Doutrina Secreta* e a dimensão humana, profundamente existencialista e existencial do Homem, que se surpreende inserido no seu mundo, cuja natureza ele necessita de averiguar e que está patente de forma inegável na *Doutrina Secreta*, como fonte de um yoga perfeito e na *Voz do Silêncio*. E como deverá ele, como ser consciente e inserido nesse mundo como uma realidade concreta, agir de modo não só a compreender o Universo atrás referido, mas a sua própria natureza de ser pensante e de ser actuante?

O Homem e o seu mundo – ou as possibilidades do agir – eis o que a Teosofia nos propõe como temática fundamental de cada um de nós, em busca de um caminho de acção que possa não só descobrir a realidade espiritual

do Homem, mas também ir ao encontro dos outros homens no intuito de realizar uma felicidade que a todos pertence e a ninguém pode ser negada. Uma felicidade que vai desde os aspectos mais materiais e comezinhos do quotidiano, até às aspirações mais legítimas que desabrocham no coração de cada um de nós e de cada um dos outros.

10. Aqueles que têm estudado Teosofia com seriedade e espírito constante, aqueles que têm procurado viver os Ideais que a Teosofia sucessivamente lhes inspira como Ideais seus, descobertos por si, realidades vividas, não podem deixar de sentir que a Teosofia, que nasceu em 1875 sob a forma de uma Sociedade Teosófica e que comemora este ano o seu Centenário, continua a ser uma fonte perene de inspiração, projectando-se como Luz irradiante de dentro de nós e surgindo também fora de nós, nos outros e no Universo que nos rodeia, com tudo o que ele contém, quer tenhamos disso total ou parcial conhecimento, ou mesmo um passageiro e precário desconhecimento.

A Teosofia é, de facto, um impulso tremendamente poderoso, que nos leva a um auto-exame exigentíssimo, uma exigência radical para conhecermos os outros homens nossos semelhantes, ou diferentes de nós, até descobrirmos uma unidade profunda e inamovível que os liga numa Fraternidade transcendente e que nada poderá jamais quebrar. É este princípio da Realidade Metafísica que une todos os homens, que possui o poder de destruir todas as formas de desigualdade, ou qualquer tipo de exploração do homem pelo homem.

A Teosofia é ainda aquela força inspiradora que nos faz conhecer o Universo onde nos encontramos e conhecê-lo de maneira cada vez mais profunda, mais penetrante e mais translúcida.

Conhecendo-nos a nós, conhecendo os outros, nossos semelhantes – ou dissemelhantes – e conhecendo o Universo onde vivemos, de

uma maneira objectiva, segura e eficaz, poderemos descobrir o Caminho ascendente que leva o Homem – teósofo verdadeiro – a alcançar os mais elevados níveis da especulação e da inspiração mística, filosófica, artística ou científica, sem no entanto perdermos o sentido das realidades concretas. A Teosofia é, de facto, algo que nos obriga a compreender que devemos ter os pés bem fincados na terra, sermos dotados de bom senso e de grande capacidade prática. A Teosofia, por outro lado, faz que sintamos o vigor do outro pólo, o espiritual, originando uma síntese harmónica complementar e inspiradora. Então todas as cousas surgem claramente perante o nosso mental como elementos que devem ser integrados num todo, onde cada um é parte complementar de todos os outros.

11. É esta Teosofia – Luz irradiante e inspiradora – que se impõe à consideração do mundo, um século depois da Fundação da Sociedade Teosófica, não pelo excessivo número dos seus membros, mas pela forma positiva, firme e construtiva do mundo futuro, graças

aos pioneiros teósofos espalhados por toda a parte. Esses pioneiros teósofos são como pontos de acção energética, actuando em todos os aparelhos que contribuem e orientam a humanidade, para um futuro certo e pleno de optimismo.

Luz irradiante e inspiradora, capaz de acordar a mente e os corações dos homens, capaz de modificar e reformar o meio em que vivemos, para que, através da reforma de nós próprios, como diz Krishnamurti, possamos contribuir efectivamente para a reforma do todo, que é o conjunto de todos os que constituem a Humanidade inteira. Olhando de maneira retrospectiva para aquilo que se fez ao longo de cem anos de penosa existência, sentimo-nos profundamente animados em relação àquilo que a Sociedade Teosófica e os Teósofos irão realizar desde já, tendo em vista o próximo século de existência da sua Sociedade. ∞

in Osiris nº172, Outubro-Dezembro de 1975

A harmonia que há-de existir entre as religiões entre si e entre elas e a ciência, marcará o começo duma nova e benéfica era na vida da humanidade – era que será guiada por uma Religião científica ou uma Ciência religiosa. Já hoje se reconhece que não há várias religiões, mas uma só, e não tardará muito a reconhecer-se, com o auxílio dessa Ciência una, que há também uma Religião e que, tanto Ciência como Religião são, apenas, dois aspectos diferentes do mesmo e portentoso corpo da Verdade.

Bhagavan Das

Viver Sem Esforço

J. KRISHNAMURTI

A meditação não é algo que nós façamos. É um movimento que penetra em todo o nosso viver: como vivemos, como nos comportamos, se temos medos, ansiedades, mágoas, se estamos sempre a perseguir o prazer, se construímos imagens acerca de nós mesmos e dos outros. Tudo isso faz parte da nossa vida, e na compreensão da nossa vida e dos vários problemas envolvidos nela, dos quais nos vamos libertando, é que descobrimos o que é meditação.

Temos de pôr completamente em ordem a nossa casa. A nossa casa é o nosso «eu». Essa ordem é estabelecida não de acordo com um padrão, mas segundo uma completa compreensão do que é a desordem, do que é a confusão, porque há contradição em nós, porque existe esta constante luta entre opostos, e assim por diante.

Colocar as coisas nos seus próprios lugares é o começo da meditação. Se não fizermos isto – de facto, e não teoricamente, na nossa vida quotidiana, a cada momento – então a meditação toma-se numa outra forma de ilusão, numa outra forma de oração, numa outra forma de desejar qualquer coisa.

Qual é o movimento da meditação? Temos de entender a importância dos sentidos. A maioria de nós reage ou actua de acordo com os impulsos, as exigências e as insistências dos nossos sentidos. Os sentidos não actuam como um todo; não funcionam como um todo, holisticamente. Se nos observarmos e repararmos nos sentidos, verificamos que um

ou outro sentido se toma dominante, que um dos sentidos assume um grande papel no nosso dia a dia. Assim, há sempre um desequilíbrio no funcionamento dos nossos sentidos.

O que estamos agora a perceber faz já parte da meditação.

Será possível aos sentidos operarem como um todo? Será possível olharmos o movimento do mar, as águas brilhantes e eternamente móveis, olharmos essas águas de um modo total, com todos os nossos sentidos? Ou observar uma árvore, ou uma pessoa, ou uma ave em voo, um lençol de água, o sol a pôr-se, a lua a nascer, com todos os nossos sentidos completamente despertos? Se assim fizermos, descobriremos – *por vós mesmos, e não por mim* – que não há nenhum centro a partir do qual os sentidos se movimentam.

Estão a fazer isto enquanto conversamos?

Olhem a vossa namorada, ou marido, ou mulher, ou uma árvore, com todos os sentidos activos. Então nisso não há qualquer limitação. Façam isso e cada um descobrirá por si. Na maioria de nós os sentidos operam de uma maneira parcial ou particular; nunca vivemos com todos os nossos sentidos completamente despertos.

Dar o lugar certo aos sentidos não quer dizer que tenhamos de os reprimir, de os controlar, de lhes fugir. Isto é importante porque, se quisermos entrar na meditação a fundo, a não ser que repararmos nos nossos sentidos, eles poderão criar-nos diferentes formas de neurose e de ilusões; eles dominarão

as nossas emoções. Quando os sentidos estão totalmente despertos, o corpo passa a estar extraordinariamente sereno. Já alguma vez deram por isso? Muitos de nós forçam o corpo a estar sentado muito quieto, sem agitação, sem um único movimento, mas se todos os sentidos funcionarem saudavelmente, com normalidade, com vitalidade, então o corpo descontrai-se e fica muito, muito calmo. Façamos isto enquanto estamos a conversar.

Será possível viver – diariamente, não apenas ocasionalmente – sem qualquer forma de controle? Isso não quer dizer uma actividade permissiva, fazer o que nos apetece, ou rejeitar a tradição. Por favor, pensem seriamente se é possível viver sem qualquer tipo de controle, porque quando há controle há acção da vontade. O que é a vontade? «Quero fazer isto; não quero fazer aquilo»; não será a vontade a essência do desejo? Olhemos bem para isto; não o rejeitemos nem o aceitemos, investiguemo-lo. Perguntamos se será possível viver uma vida na qual não há sombra de controle, na qual não há qualquer sombra da acção da vontade. Habitualmente, ela é o próprio movimento do desejo. Da percepção, contacto, sensação, nasce o desejo e o pensamento com as suas imagens.

Será possível viver sem a acção da vontade? Grande parte de nós leva uma existência de restrição, de controle, de repressão de fuga, mas quando afirmamos: «Tenho de me controlar, de controlar a minha cólera, o meu ciúme, a minha preguiça, a minha indolência», quem é o controlador? Será o controlador diferente daquilo que controla? Ou são ambos a mesma coisa? O controlador é o controlado. O controlador é a essência do desejo, e ele tenta controlar as suas próprias actividades, os seus pensamentos, os seus desejos. Estando conscientes de tudo isso, poderemos viver de uma forma não promíscua, onde não se faça só o que nos apetece, mas uma vida sem qualquer forma

de controle? Muito poucas pessoas examinaram esta questão. Contesto qualquer sistema, qualquer forma de controle, porque a mente assim nunca é livre; está constantemente subjugada a um padrão, seja ele um padrão estabelecido por outro ou por nós.

Então, poderá o tempo cessar? Vejamos a importância disto. Os nossos cérebros estão condicionados pelo tempo. Os nossos cérebros são resultado de um milhão de anos ou mais, são séculos e séculos de condicionamento. O cérebro evoluiu, cresceu, mas continua a ser um cérebro muito velho. Como evoluiu através do tempo, ele funciona em termos de tempo. No momento em que dizemos «Eu serei», isso também é tempo. Quando dizemos «Tenho de fazer isso», é também no tempo. Tudo o que fazemos implica tempo e os nossos cérebros estão condicionados não apenas pelo tempo cronológico mas também pelo tempo psicológico. O cérebro evoluiu através de milénios e a própria ideia, a própria questão de saber se ele pode parar o tempo é um processo paralisante. É um choque para ele.

Uma parte da meditação consiste em descobrir por nós, se o tempo psicológico pode parar. Não se pode fazer isto dizendo: «O tempo tem de parar»; isso não tem nenhum significado. Será possível ao cérebro compreender que o futuro que ele imagina não existe? Vivemos ou no desespero ou na esperança. Uma parte do tempo consiste na natureza destrutiva da «esperança»: «Sou desgraçado, infeliz, inseguro; espero vir a ser feliz»; ou na fé, essa invenção dos sacerdotes por todo o mundo: «Estás infeliz mas tem fé em Deus, e tudo correrá pelo melhor.» Ter fé em qualquer coisa implica tempo. Poder-se-á aceitar que, psicologicamente, não há «amanhã»? Faz parte da meditação descobrir que, psicologicamente, não há «amanhã». Esperar o que quer que seja, o prazer de antecipar coisas,

está envolto em tempo. O que não quer dizer que tenhamos de pôr de lado a esperança, temos é que compreender o movimento do tempo. Se rejeitamos a esperança, então tomamo-nos amargos, afirmando «Porque é que vivo? Qual é o objectivo da vida?». E daí nasce a falta de sentido da vida que vem da depressão, da agonia e de uma vida vazia.

Perguntamos se o pensamento, como tempo, pode parar. O pensamento é importante quando está no seu lugar próprio, mas não tem qualquer importância em termos psicológicos. O pensamento é a reacção da memória, ele nasce da memória. Memória é experiência sob a forma de conhecimentos armazenados nas células cerebrais. Podemos observar o nosso próprio cérebro, não precisamos de nos tomar especialistas. As células cerebrais conservam a memória; é um processo material, nisso não há nada de sagrado. E o pensamento tem criado tudo o que temos feito: ir à lua e deixar lá uma bandeira ridícula; ir ao fundo do mar e viver lá; e toda a complicada tecnologia com todas as suas máquinas.

O pensamento é o responsável por tudo isso. O pensamento é também responsável por todas as guerras. Isto é tão óbvio que não tem de se pôr em questão. Os nossos cérebros dividiram o mundo em Inglaterra, França, Rússia, etc. E o pensamento cria a estrutura psicológica do «eu». O «eu» não é sagrado, algo divino. E apenas pensamento criando ansiedades, medos, prazeres, mágoas, dores, apegos, medo da morte. O pensamento constrói o «eu», que é a consciência. A consciência é o que ela contém; a nossa consciência é o que nós somos: as nossas ansiedades, medos, lutas, desesperos, prazeres. Isto é muito simples, e é resultado do tempo. Suponhamos que ontem fui magoado psicologicamente; alguém me dirigiu palavras brutais e isso feriu-me e passou a fazer parte da minha consciência. Portanto, a consciência

é o resultado do tempo. Quando perguntamos se o tempo pode parar, isso implica um total esvaziamento da consciência com o seu conteúdo. Se somos capazes de o fazer ou não, isso é outra questão.

Estamos a examinar o tempo e os níveis da consciência – a sensação, o desejo, com toda a sua estrutura – para vermos se essa consciência, que é produto do tempo, pode esvaziar-se completamente a si própria, de modo a que, psicologicamente, o tempo possa parar. Estais conscientes da vossa consciência, não estais? Sabeis o que sois, se vos tendes interessado suficientemente por isso. Se isto aconteceu, teréis visto que todo o esforço, toda a luta, toda a infelicidade e incerteza fazem parte de cada um de vós, fazem parte da vossa consciência. As nossas ambições, a avidez, a agressividade, a cólera, o azedume, tudo isso faz parte da nossa consciência, a qual é a acumulação que se vem dando desde há milhares de ontens. E perguntamos se essa consciência, que é resultado do tempo, tanto psicológica como fisiologicamente, é capaz de se esvaziar a si própria, para que o tempo possa parar.

Vamos ver se isso é possível. Se dissermos que não é possível, então já fechámos a porta. Se afirmamos que é possível, também já fechámos a porta. Mas se dissermos: «Vamos descobrir», então estamos disponíveis para isso.

Se formos suficientemente sérios para aprofundar isto, a questão agora é saber se é possível esvaziar totalmente todo o nosso conteúdo psicológico, o conteúdo da nossa consciência, esta consciência que foi sendo construída ao longo do tempo. Não será possível extinguir um dos conteúdos da nossa consciência – as nossas feridas psicológicas, por exemplo? Muitos de nós têm sido feridos psicologicamente desde a infância. E isso faz parte da nossa consciência. Podemos apagar completamente essas feridas sem que seja

deixada qualquer marca? Podemos, não é verdade? Se prestarmos atenção à ferida, então saberemos qual foi a sua causa: foi a imagem que nós temos acerca de nós mesmos que foi ferida. Podemos acabar com essa imagem que foi atingida se conseguirmos investigar isso a fundo. Se estivermos apegados a alguém, ao marido ou à mulher, ou a uma crença, a um país, a uma seita, a um grupo, a um «salvador», seremos capazes de um modo total, lógico, são, racional, pôr um fim a isso? Porque o apego está ligado ao ciúme, à ansiedade, ao medo, à mágoa; e, sentindo a dor, tomamo-nos mais e mais apegados. Compreender a natureza do apego é o desabrochar da inteligência. Essa inteligência vê o quanto é insensato estar-se apegado, e acaba com isso.

Vamos, pois, aprofundar este assunto. Temos um hábito psicológico particular, por exemplo, pensarmos sempre numa certa direcção. E isso faz parte da nossa consciência. Poderá o pensamento afastar-se dessa rotina, desse sulco? Claro que pode. E possível esvaziar o conteúdo totalmente. Se fizermos uma coisa de cada vez – apegos, feridas, ansiedades, e tudo o mais – isso demorará um tempo infinito. E lá estamos a cair de novo no tempo. Será possível esvaziar instantaneamente esse conteúdo – sem envolver tempo – de uma maneiraglobal, enão por partes? Quando fazemos uma coisa de cada vez, estamos ainda envolvidos no tempo. Se virmos a verdade disto, então, naturalmente, já não faremos isso parcialmente.

A consciência não é só minha, não é a minha consciência particular; ela é a consciência universal. A minha consciência é semelhante à vossa consciência ou à consciência de qualquer outra pessoa: todos sofremos, todos temos problemas, e tudo o mais. Haverá talvez uns poucos que desabrocharam, que estão fora de tudo isso e foram mais além, mas isso agora é irrelevante.

Será possível observar esta realidade na sua *totalidade*, e na observação dessa totalidade, ver o seu findar? Será possível observarmos as nossas feridas psicológicas ou as nossas ansiedades ou as nossas culpas, de uma forma total? Suponhamos que me sinto culpado. Serei capaz de olhar para essa culpa, ver como ela surgiu e a sua causa, ver como ela me aterroriza, ver toda a estrutura da culpa, observá-la integralmente? Claro que posso, mas só consigo fazer essa observação quando tenho consciência do que é sentir-me magoado. Posso ter essa consciência se não houver direcção ou motivo envolvidos nessa percepção.

Avancemos um pouco mais nisto. Suponhamos que estou apegado a algo ou a alguém. Não serei eu capaz de observar as consequências do apego, ou aquilo que está implicado nesse apego, ou como esse apego apareceu? Não serei eu capaz de ver toda a estrutura disso instantaneamente? Estou apegado porque me sinto isolado, quero conforto afectivo, quero depender de alguém porque não consigo estar só comigo, preciso de companhia, preciso de alguém que me diga: «Estás a fazer muito bem, rapaz!». Preciso de alguém, que segure na minha mão; estou deprimido e ansioso. Portanto, dependendo de alguém, e a partir dessa dependência surge o apego, e desse apego surge medo, ciúme, ansiedade. Serei capaz de observar toda a natureza disso, instantaneamente? Claro que sou capaz se estiver atento, se estiver profundamente interessado em descobrir.

O que estamos a dizer é que, em vez de se proceder de uma forma fragmentária, é possível ver toda a natureza, estrutura e movimento da consciência com todo o seu conteúdo. O conteúdo é que faz a consciência, e ver isso é inteiramente possível. E quando temos a percepção disso, ele desintegra-se. Para termos uma percepção profunda de toda a natureza

da consciência, não pode haver motivo, nem memória, mas apenas um percebimento instantâneo dessa natureza. E essa mesma percepção dissolve o problema.

Todo o nosso desenvolvimento tecnológico se baseia no medir; se não medíssemos, não poderia haver avanço tecnológico. O conhecimento acumulado é movimento no tempo: Eu sei, eu virei a saber. Tudo isso é medida, e esse medir desloca-se para o interior do campo psicológico. Se nos observarmos bem, veremos facilmente como isso funciona. Psicologicamente, estamos sempre a comparar. Seremos capazes de terminar essa comparação – o que significa também parar o tempo? *Medir* significa comparar-me com alguém, querendo ser como ele, ou não querendo ser como ele. O processo positivo e negativo da comparação faz parte do medir.

Será possível viver cada dia sem qualquer espécie de comparação? Exteriormente, temos de comparar dois materiais, entre a cor de um tecido e a cor de outro tecido. Mas, psicologicamente, interiormente, será que podemos libertar-nos totalmente da comparação, isto é, libertar-nos da medida? Medida é um movimento do pensamento. Assim, poderá o pensamento parar? Muitos de nós *tentam* parar o pensamento, o que é impossível. Pode-se dizer por um segundo: «Parei o pensamento», mas isso é um acto forçado, de pressão, é como pensar e dizer: «Contei um segundo enquanto não estava a pensar». Quem tenha entrado a fundo nesta questão, pergunta se o pensamento é capaz de parar. O pensamento nasce do que é conhecido. Conhecimento adquirido é o conhecido, e o conhecido é o passado. Pode esse pensamento parar? Seremos capazes de nos libertarmos do conhecido? Funcionamos sempre a partir do conhecido, e tomamo-nos extraordinariamente hábeis e imitadores, e sempre comparando.

Estamos constantemente a tentar ser alguma coisa. Portanto, poderá o pensamento ficar em suspenso?

Já falámos de medida, de controle, da importância dos sentidos e do seu lugar correcto. Tudo isto faz parte da meditação.

Poderá o cérebro, que tem milhões de anos, que está pesadamente condicionado, tão cheio de tudo que o homem tem adquirido através dos séculos, esse cérebro que actua mecanicamente a todo o momento, poderá esse cérebro libertar-se do conhecido, e nunca, nunca envelhecer fisicamente? Não perguntais por vezes se esse cérebro será capaz de largar o seu fardo, ficar liberto e nunca se deteriorar? Isto quer dizer nunca registarmos nada psicologicamente, nunca registar elogios, insultos, imposições, pressões, mas conservar sempre a «fita de registo» como nova. Inocência quer dizer um cérebro que nunca foi ferido psicologicamente. Inocência quer dizer ausência de sofrimento, de conflito, de mágoa, de dor. Quando estas coisas são registadas no cérebro, este fica limitado, envelhece à medida que passa o tempo. Por outro lado, se não houver registo psicológico, então o cérebro torna-se extraordinariamente tranquilo e rejuvenescido. Isto não é uma esperança, não é um prémio. Ou fazemos isso para o descobrirmos, ou só aceitamos as palavras dos outros dizendo: «Como isso deve ser maravilhoso; como eu gostaria de passar por isso.» Devido à percepção profunda, as células do cérebro passam por uma mudança. Elas não mais se apoiam em memórias. O cérebro não é mais a casa de uma vasta colecção de antiguidades.

Também temos de fazer a seguinte pergunta: Há alguma coisa sagrada na vida? Haverá algo que nunca seja tocado pelo pensamento? Tudo aquilo a que chamamos sagrado foi posto nas igrejas como símbolos – a Virgem Maria, Cristo na cruz. Na Índia têm as suas imagens

particulares, assim como nos países budistas, e elas tornaram-se sagradas: o nome, a escultura, a imagem, o símbolo. Mas *haverá* alguma coisa sagrada na vida? *Sagrado* é aquilo que não morre, que não tem tempo, que é eterno, que não tem princípio nem fim. Não se pode encontrá-lo – ele poderá chegar se tivermos rejeitado todas as coisas que o pensamento tomou sagradas. Quando as igrejas com as suas imagens, a sua música e as suas crenças, os seus rituais e dogmas forem todos compreendidos e completamente rejeitados, quando não houver sacerdotes, gurus, seguidores, então nessa extraordinária qualidade de silêncio poderá surgir *algo* intocado pelo pensamento, porque esse silêncio não é criado por ele. Cada um de nós tem de penetrar na verdadeira natureza do silêncio. Há silêncio entre dois ruídos. Há silêncio entre dois pensamentos. Há silêncio

entre duas notas de música. Há silêncio depois de um barulho. Há silêncio quando o pensamento diz: «Tenho de me silenciar», criando silêncio artificial, pensando que é silêncio verdadeiro. Há silêncio quando nos sentamos serenamente e forçamos a mente a estar silenciosa. Todos esses silêncios são artificiais; não são verdadeiros, profundos, não cultivados, não premeditados. Psicologicamente, o silêncio só pode acontecer quando não há qualquer registo. Então, a mente, o próprio cérebro, está numa ausência absoluta de movimento. Nessa grande profundidade de silêncio que não é induzido, cultivado, nem praticado, talvez chegue esse extraordinário sentido de algo *imensurável*, que não tem nome.

Todo o processo, do princípio ao fim desta conversa, faz parte da meditação. ∞

A primeira condição para se obter o autoconhecimento é tornar-se profundamente consciente da ignorância; sentir com cada fibra do coração que cada um de nós incessantemente se auto-ilude.

O segundo requisito é a convicção ainda mais profunda de que tal conhecimento – tal intuitivo e determinado conhecimento – pode ser obtido através de esforço.

O terceiro e mais importante requisito é uma indómita determinação para obter e enfrentar este conhecimento.

Este autoconhecimento não é obtido por aquilo a que o homem habitualmente chama “auto-análise”. Não é alcançado pelo raciocínio ou por qualquer processo mental; porque esse autoconhecimento é o despertar da consciência da natureza Divina do homem.

Obter um tal conhecimento é uma realização maior do que dominar os elementos ou conhecer o futuro.

H. P. Blavatsky
Autoconhecimento

Chelas e Chelas Laicos

H. P. BLAVATSKY

Como o termo Chela foi introduzido, como tantos outros, pela Teosofia na nomenclatura da metafísica ocidental, será conveniente dar alguma explicação mais específica do que as que têm sido dadas até agora sobre o significado deste termo e sobre as regras do ‘chelado’ para benefício dos nossos membros europeus, ou mesmo dos orientais. Assim, um ‘Chela’ é alguém que se ofereceu como discípulo para aprender, de forma prática, os “mistérios ocultas da Natureza e os poderes psíquicos latentes no homem”. O mestre espiritual a quem ele propõe a sua candidatura tem, na Índia, o nome de Guru, e o verdadeiro Guru é sempre um Adepto na Ciência Oculta. Um homem de profundo conhecimento exotérico e esotérico, especialmente este último; uma pessoa que subjugou a sua natureza carnal ao domínio da Vontade; que desenvolveu em si tanto o poder (*Siddhi*) de controlar as forças da natureza como a capacidade de investigar os seus segredos com a ajuda dos poderes, antes latentes mas agora activos, do seu ser: este é o verdadeiro Guru. Oferecer-se como candidato ao ‘Chelado’ é fácil, mas converter-se em um Adepto é a tarefa mais difícil que alguém possa empreender. Há centenas de poetas, matemáticos, mecânicos e estadistas inatos, todavia um Adepto inato é algo praticamente impossível. Porque, embora oíamos falar, em raras ocasiões, de alguém que possui uma extraordinária capacidade inata para a aquisição de conhecimentos e poderes ocultos, contudo até mesmo essa pessoa terá de passar por idênticas provas e provações e preparar-se

da mesma forma como acontece com qualquer outro aspirante menos capacitado. Neste assunto podemos afirmar que não existe nenhum caminho especial a que os favoritos possam recorrer.

Durante séculos, a selecção de Chelas, com excepção do grupo hereditário dentro do *gon-pa* (templo), foi feita pelos próprios Mestres do Himalaia entre a classe dos místicos naturais, que ascendem a um número considerável no Tibete. As únicas excepções têm sido os casos de alguns homens ocidentais como Fludd, Thomas Vaughan, Paracelso, Pico della Mirandola, o Conde St. Germain, etc., cuja afinidade de temperamento com a ciência celeste obrigou mais ou menos os Adeptos distantes a estabelecer com eles uma relação pessoal, permitindo-lhes aceder a uma pequena (ou grande) parte de toda a verdade consoante as possibilidades dos seus ambientes sociais. No Livro IV de Kiu-te, no capítulo sobre “as Leis de Upasanas”, lemos que são os seguintes os requisitos que um Chela deve ter:

- 1 – Perfeita saúde física;
- 2 – Absoluta pureza mental e física;
- 3 – Propósito altruísta; caridade universal, compaixão para com todos os seres animados;
- 4 – Veracidade e fé inquebrantável na lei do Karma, independente de qualquer poder na natureza susceptível de interferir: uma lei cujo curso não deve ser obstaculizado por nenhum agente, nem ser desviado por orações ou cerimónias propiciatórias exotéricas;
- 5 – Coragem inquestionável ante qualquer emergência, mesmo com perigo de vida;

6 – Percepção intuitiva de que se é o veículo do Avalokitesvara manifestado ou Atman Divino (Espírito);

7 – Indiferença tranquila, embora com uma apreciação justa de tudo o que constitui o mundo objectivo e transitório na sua relação com as regiões invisíveis.

Estas são, no mínimo, as recomendações para quem aspira ao ‘Chelado’ perfeito. Com a única excepção da primeira que, em casos raros e excepcionais, poderá ter-se modificado, insistiu-se invariavelmente em cada um destes pontos e todos tiveram de se desenvolver, mais ou menos, na natureza interior graças aos esforços sem ajuda do Chela, antes de poder realmente ser posto à prova. Quando o asceta que se vai desenvolver a si mesmo, quer dentro ou fora do mundo activo, se colocou acima, segundo a sua capacidade natural, convertendo-se no dono do seu (1) *Sarira* ou corpo, de (2) *Indriya*, ou sentidos, (3) *Dosha*, ou defeitos, (4) *Dukkha*, ou dor, e esteja pronto a tornar-se um com o seu *Manas*, ou mente, com *Buddhi* ou intelecto, ou inteligência espiritual, e com *Atma*, a sua alma superior, isto é, o seu espírito, então já preparado para isto e também para reconhecer em *Atma* o mais alto regente no mundo das percepções e, na vontade, a mais elevada energia (poder) executiva, poderá, de acordo com as leis do tempo, ser adoptado por um dos Iniciados. Poderá então ser-lhe mostrado o caminho misterioso em cujo final distante ao Chela é ensinado o infalível discernimento de *Phala*, ou os frutos das causas produzidas, sendo-lhe dados os meios para alcançar *Apavarga*, a emancipação da desgraça de repetidos nascimentos (cujas determinação não está nas mãos do ignorante) e, assim, evitando *Pratya-bhava*, a transmigração.

Mas, desde o aparecimento da Sociedade Teosófica, em que uma das suas árduas tarefas era despertar de novo na mente dos Arianos a memória adormecida da existência desta ciência

e daquelas capacidades humanas transcendentais, as regras de selecção de Chelas foram ligeiramente relaxadas em um aspecto. Muitos membros da Sociedade, depois de se haverem convencido por provas práticas acerca dos pontos anteriores, e pensando, conseqüentemente, que se outros tinham alcançado antes o objectivo, eles também poderiam alcançá-lo se cumprissem os requisitos e seguissem o mesmo caminho, começaram a exercer pressão para serem aceites como candidatos. E como seria uma interferência com o Karma negar-lhes a oportunidade ao menos para começar, acabou-se cedendo às suas exigências. Os resultados até agora estão longe de ser encorajadores e foi para mostrar a esses infelizes a causa do seu fracasso bem como para advertir outros para que não se atirem de cabeça para um destino semelhante, que foi ordenado que este artigo fosse escrito. Os candidatos em questão, embora tendo sido anteriormente avisados contra isso, começaram mal olhando para o futuro de forma egoísta e perdendo a visão do passado, Esqueceram-se que não haviam feito nada para merecer a rara honra de serem escolhidos, nada que lhes garantisse as suas expectativas de obter tal privilégio e que não podiam vangloriar-se de nenhum dos méritos atrás mencionados. Como homens pertencendo ao mundo egoísta e sensual, casados ou solteiros, comerciantes, funcionários civis ou militares, ou membros de profissões ligadas à educação, tinham frequentado uma escola cujo objectivo era assimilá-los à natureza animal, em vez de desenvolver as suas potencialidades espirituais. Contudo, cada um deles era suficientemente vaidoso a ponto de supor que o seu caso seria uma excepção à lei estabelecida durante séculos incontáveis, como se, na sua pessoa, tivesse sido dado ao mundo um novo Avatar! Todos esperavam que lhes fossem ensinadas coisas ocultas e lhes fossem dados poderes extraordinários porque tinham ingressado na Sociedade Teosófica.

Alguns haviam decidido sinceramente corrigir a sua vida e renunciar a percursos malévolos – não podemos deixar de lhes fazer justiça

De início todos foram recusados, incluindo o próprio Presidente, o Coronel Olcott. E quanto a este não há agora nenhum mal em dizer que ele não foi formalmente aceite como Chela até ter provado, através de mais de um ano de dedicação ao trabalho e com uma determinação fora de qualquer dúvida, que podia ser posto à prova com segurança. Então começaram a chover queixas de toda a parte, tanto dos hindus, que deviam ser mais conhecedores, como dos europeus os quais não estavam naturalmente em condições de saber alguma coisa sobre as regras. Diziam que se pelo menos não fosse dada a oportunidade a alguns teósofos, a Sociedade não duraria muito. Foram ignoradas todas e cada uma das características nobres e altruístas do nosso programa – o dever para com o próximo, para com o país, o dever de ajudar, de iluminar, de animar e de elevar os mais fracos e os menos favorecidos. Tudo isto foi ignorado naquela correria louca para se conseguir o adeptado. O desejo de fenómenos, fenómenos e mais fenómenos era ouvido por toda a parte e os Fundadores eram impedidos de realizar o seu verdadeiro trabalho e importunados para que intercedessem com os Mestres, contra os quais eram realmente dirigidas as queixas, embora fossem os seus pobres agentes os que recebiam toda a pancada. Por fim, as altas autoridades deram a conhecer que alguns dos candidatos mais insistentes seriam aceites. O resultado da experiência demonstraria talvez melhor do que qualquer sermão o que o Chelado significava e quais são as consequências do egoísmo e da temeridade. Cada candidato foi advertido de que, em qualquer caso, deveria esperar anos antes de poder ser provada a sua valia e que teria de passar por uma série de testes que fariam sair tudo o que estava dentro dele, tanto o bom como o mau.

Eram quase todos homens casados, pelo que foram designados “Chelas laicos”, um termo novo em inglês, mas que já há muito tinha o seu equivalente nas línguas asiáticas. Um Chela laico mais não é do que um homem do mundo que declara o seu desejo de alcançar a sabedoria nas coisas espirituais. Virtualmente, cada membro da Sociedade Teosófica que se compromete com o segundo dos três “Objectivos declarados” é um deles, porque, embora não pertencendo à classe dos verdadeiros Chelas, no entanto tem a possibilidade de se tornar em um, porque atravessou a linha fronteira que o separava dos Mahatmas e se apresentou, por assim dizer, ante eles. Ao ingressar na Sociedade e prometer ajudá-la com o seu trabalho, comprometeu-se, em certa medida, a actuar de acordo com aqueles Mestres a cujo pedido a Sociedade foi organizada e sob cuja protecção condicional ela permanece.

O ingresso é, pois, a introdução; tudo o resto depende inteiramente do próprio membro, nunca podendo esperar a mais remota aproximação ao “favor” de um dos nossos Mestres, ou de nenhum outro Mestre do mundo – se este consentisse em se tornar conhecido – que não tivesse sido totalmente ganho por mérito pessoal. *Os Mahtamas são os servidores, não os árbitros da Lei do Karma.* O chelado laico não confere nenhum privilégio a ninguém excepto o de trabalhar para o mérito sob a observação de um mestre. E quer esse Mestre seja ou não visto pelo Chela não faz qualquer diferença quanto ao resultado: os seus bons pensamentos, palavras e actos darão os seus frutos, tal como os maus. Vangloriar-se do Chelado Laico ou fazer dele ostentação é a maneira mais segura de reduzir a relação com o Guru a uma mera expressão vazia, pois seria a prova evidente de vaidade e de falta de capacidade para futuro progresso. Há anos que temos vindo a ensinar em todo o lado a máxima: “Primeiro faz por merecer, depois deseja” a intimidade com os Mestres.

Há, todavia, uma lei terrível que opera na natureza, uma lei que não pode ser alterada e cujo funcionamento aclara o aparente mistério da selecção de certos “Chelas” que acabaram por se revelar tristes exemplares de moralidade nestes últimos anos. O leitor recorda-se daquele provérbio antigo que diz “Não se metam com os cães que dormem”? Há nele todo um mundo de significado oculto. Nenhum homem ou mulher conhece a sua força moral até ser *posto à prova*. Milhares de pessoas passam pela vida respeitavelmente porque nunca foram postas à prova. Isto é indubitavelmente um truísmo, mas é da maior pertinência no caso presente. Aquele que quer intentar o Chelado desperta e exaspera, por causa dessa decisão, todas as paixões latentes na sua natureza animal. Porque este é o princípio de uma luta pelo controlo na qual não existe trégua. É, decididamente, “Ser ou Não Ser”; conquistar significa adeptado; fracassar, um Martírio ignóbil: porque cair vítima da luxúria, do orgulho, da avareza, do egoísmo, da cobardia ou de qualquer outra das tendências inferiores é realmente algo ignóbil, quando medido segundo os valores da verdadeira humanidade. Ao Chela não se lhe pede somente que enfrente todas as tendências baixas latentes na sua natureza, mas, mais ainda, que faça frente a todo o volume de poder maléfico acumulado pela comunidade e nação a que pertence. Porque ele é parte integrante daqueles agregados e aquilo que afecta o homem individual ou o grupo (cidade ou nação) repercute-se no outro. E, neste exemplo, a sua luta pela bondade choca-se com todo o corpo de maldade que o rodeia e atrai sobre ele toda a sua fúria. Se se contentar em prosseguir com os seus vizinhos e ser quase igual a eles, talvez um pouco melhor ou algo pior que a média, pode acontecer que ninguém lhe preste atenção. Mas, se descobrirem que foi capaz de detectar a grande burla da vida social, a sua hipocrisia,

egoísmo, sensualidade, avareza e outros traços negativos, e que decidiu elevar-se a um nível superior, imediatamente será odiado e cada natureza má, fanática ou maléfica mandar-lhe-á uma corrente de força de vontade oposta. Se for inatamente forte sacode-a como o nadador forte que pode atravessar nadando uma corrente que acabaria com outro mais fraco. Todavia, nesta batalha moral, se o Chela tiver um só defeito oculto, faça o que fizer, ele virá à luz do dia. O verniz dos convencionalismos que a “civilização” nos coloca em cima tem de desaparecer até à última camada e o Eu Interno, nú e sem o mínimo véu que oculte a sua realidade, ficará exposto. Os costumes da sociedade que, até certo ponto, mantêm os homens debaixo de uma contenção moral e os obrigam a pagar tributo à virtude parecendo bons, sejam-no ou não, todos estes costumes serão esquecidos, todas estas contenções rompidas com as tenções do chelado. O homem encontra-se então num ambiente de ilusões – *Maya*. O vício veste a sua face mais atractiva e as paixões tentadoras procuram enganar e atrair o aspirante inexperiente para as profundezas da aviltção psíquica. Não estamos a falar de nada parecido com o quadro pintado por um grande artista onde se vê Satanaz a jogar uma partida de xadrez com um homem que aposta a sua alma enquanto o anjo protector deste permanece a seu lado para o aconselhar e ajudar. Porque, aqui, a luta é travada entre a Vontade do Chela e a sua natureza carnal, e o Karma não autoriza que nenhum anjo ou Guru interfira antes do resultado ser conhecido. Com a vivacidade da imaginação poética, Bulwer Lytton idealizou para nós, no seu *Zanoni*, uma obra que sempre será valorizada pelos ocultistas; enquanto na sua *História Estranha* mostrou com igual poder o lado negro da investigação oculta e seus perigos mortais. No outro dia, o chelado foi descrito por um Mahatma como um “dissolvente psíquico que

devora toda a escória, deixando unicamente o ouro puro”.

Se o candidato possui, em estado latente, uma ambição por dinheiro, ou corrupção política, ou cepticismo materialista, ou tem algum tipo de orgulho, falsidade, crueldade ou gratificação sensual, é quase certo que esse germe acabará por frutificar; e o mesmo se passa, por outro lado, com as qualidades nobres da natureza humana. O verdadeiro homem vem para fora. Não é, então, o cúmulo da loucura que alguém deixe o plácido caminho de uma vida normal e comum para escalar os riscos do Chelado, sem uma certeza razoável de possuir dentro de si o estofamento necessário? Bem diz a Bíblia “Que aquele que está de pé tenha cuidado não vá cair” – um texto que os aspirantes a Chela deviam estudar bem antes de se atirarem de cabeça para o combate! Teria sido bom que alguns dos nossos Chelas Laicos tivessem pensado duas vezes antes de desafiarem as provas. *Lembramo-nos de vários tristes fracassos num só ano.* Um acabou mal da cabeça, renegou sentimentos nobres expressos algumas semanas antes e tornou-se membro de uma religião que desprezara como falsa. Outro tornou-se um infractor, tendo fugido com o dinheiro do patrão – também este um teósofo. Um terceiro entregou-se à libertinagem mais obscena, confessando-o entre lágrimas e soluços inúteis ao Guru que escolhera. Um quarto enredou-se com uma pessoa do outro sexo, abandonando os seus queridos amigos verdadeiros. Um quinto evidenciou sinais de aberração mental e foi a julgamento por conduta escandalosa. Um sexto suicidou-se com um tiro para escapar às consequências dos seus delitos quando estava à beira de ser detido! E podíamos continuar por aí fora. Todos eles

eram aparentemente buscadores sinceros da verdade e considerados, no mundo, como pessoas respeitáveis. Exteriormente, segundo as aparências, eram totalmente elegíveis como candidatos ao Chelado; contudo, “no interior tudo estava podre e corrupto”. O verniz do mundo era tão espesso que ocultava a ausência de verdadeiro ouro por baixo; e como o “dissolvente” fez o seu trabalho, o candidato provou ser, em todas as instâncias, uma figura dourada de baixa catadura moral do centro a todo o diâmetro...

No que ficou para trás só falámos, é certo, dos fracassos dos Chelas Laicos, mas também houve êxitos parciais e estes estão a passar gradualmente pelas primeiras etapas da sua probação. Alguns são úteis à Sociedade e ao mundo em geral pelo seu bom exemplo e seus preceitos. Se continuarem assim, será bom para eles e para nós todos: as probabilidades são poucas, mas “Nada é impossível àquele que realmente QUER”. As dificuldades do Chelado nunca diminuirão até que a natureza humana mude e se desenvolva um novo tipo. São Paulo (Rom. VII,18-19) poderia ter tido um Chela em mente quando disse: “Querer está presente em mim; mas não encontro forma de fazer o que é bom Porque o bem que eu quero, não o faço, mas o mal que não quero é que pratico”. E no sábio Kiratarjuniya de Bharavi está escrito:

*Os inimigos que surgem dentro do corpo,
Difíceis de vencer – as vis paixões –
Deviam combater-se com valentia viril; quem
as vence*

É igual ao conquistador dos mundos (xi, 32)

∞

suplemento ao The Theosophist, Julho de 1883
in The Madras Theosophical Federation Bulletin, vol. 56,
nº 2, Fevereiro de 2009,

Relatório do Secretário-Geral

CARLOS GUERRA

RELATÓRIO DO CONJUNTO ANUAL DOS TRABALHOS DAS DIVERSAS ATIVIDADES DA SOCIEDADE

Nenhum daqueles que simplesmente tenham tentado auxiliar o trabalho da Sociedade, por imperfeitos e falhos os meios e modos de que se serviram, o terá feito em vão.

Mestre K.H.

Tenho a honra de apresentar perante a Convenção Geral Ordinária de 19 de Março de 2011 o *relatório do conjunto anual dos trabalhos das diversas atividades da Sociedade*, o qual diz respeito ao período de tempo que vai de 6 de Fevereiro de 2010 a 6 de Fevereiro de 2011.

1. Agradecimentos

Sendo este o primeiro relatório do mandato relativo ao triénio de 2010-2012, justifica-se nele enquadrar os agradecimentos que a seguir se referem, os quais se expressam como uma forma fraterna de consubstanciar um elo de ligação que se pretende forte entre todos os membros da S.T.P.

1.1. Agradecimento a todos os membros da S.T.P. que, tendo votado, no dia 6 de Fevereiro de 2010, nos corpos gerentes actuais, neles colocaram a sua **confiança**. Entre muitos outros fatores, que aqui não cabe enumerar, todos fundamentados na ideia nobre de *Fraternidade Universal*, a **confiança** foi essencial para dar um maior brilho às épocas de fulgor, e ajudar a vencer as provações de épocas mais controversas da História da S.T.P., desde a sua formação em 1920-1921 até aos dias de hoje.

1.2. Agradecimento aos corpos gerentes anteriores, como um todo, e ao anterior Secretário-Geral da S.T.P., Lício Correia, cujo trabalho foi desenvolvido entre Outubro de 2003 e Fevereiro de 2010.

1.3. Agradecimento aos corpos gerentes actuais – Conselho Directivo, Conselho Fiscal e Mesa das Convenções Gerais, cujo trabalho tem sido desenvolvido através de uma colaboração de carácter verdadeiramente cooperativo.

2. Programa da S.T.P. para o triénio 2010-2012

O Programa da S.T.P. para o triénio 2010-2012, aprovado na reunião do Conselho Directivo realizada em 10 de Abril de 2010, na Sede da S.T.P., em Lisboa, foi uma referência para a elaboração deste relatório. Foram atingidos aqueles objetivos que o período de tempo, e respectivos condicionalismos, a que se refere este relatório, permitiu desenvolver.

3. Referência ao trabalho desenvolvido pelo Conselho Directivo

O Conselho Directivo reuniu-se regularmente, numa periodicidade mensal. O trabalho por ele desenvolvido foi marcado pelo espírito de equipa, no qual o confronto transparente

de ideais, bem como a disponibilidade sempre demonstrada por todos os seus membros, foram essenciais na tomada de decisões e respectiva concretização.

4. Conjunto dos membros da S.T.P.

À data deste relatório, a S.T.P. é constituída por cento e noventa e um membros membros. Entre 6 de Fevereiro de 2010 e 6 de Fevereiro de 2011 deram entrada na S.T.P. dois novos membros, sete membros desistiram da sua filiação, e três membros faleceram. Relembremos, com um reconhecimento afectuoso, pela sua dedicação à *causa teosófica*, os membros que faleceram: Maria Antónia Meirelles, Fernando Serpa Branco e Maria da Glória Pires Firmino.

5. Os novos Estatutos da S.T.P.

Na continuação do esforço levado a cabo pelos corpos gerentes anteriores no tocante à reformulação dos Estatutos da S.T.P., foi possível, agora, chegar a uma fase final dessa reformulação. Na Convenção Geral Ordinária realizada em 6 de Fevereiro de 2010 procedeu-se à apreciação, discussão e votação da proposta de alteração dos Estatutos. No dia 4 de Março de 2011, procedeu-se notarialmente à escritura da sua *Alteração Integral*. Na impossibilidade de referir todos os nomes daqueles que empenhadamente se envolveram neste trabalho, sublinhe-se a contribuição voluntária, que se revelou fulcral, do advogado Dr. António Correia.

6. Situação financeira

De entre todos os múltiplos fatores dos quais depende a vida ativa da S.T.P., salienta-se, pela sua extraordinária importância, o fator financeiro. A situação financeira da S.T.P., que tem revelado uma clara estabilidade, tem sido mantida segundo uma gestão de grande rigor. A afirmação anterior é objetivamente confirmada pelo relatório do Tesoureiro, Francisco Simões, ao qual aqui fica expresso, com toda a visibilidade, um reconhecimento público.

7. A Sede da S.T.P. em Lisboa

A Sede da S.T.P. em Lisboa iniciou, em meados de 2010, obras de recuperação da responsabilidade do proprietário do prédio do qual a Sede faz parte. Tais obras têm sido levadas a cabo segundo um desenvolvimento muito lento, pelo que a Sede revela um estado de degradação progressivo, o qual, uma ou outra vez, impossibilitou a realização de actividades públicas. Foi tomada pelo Conselho Diretivo a decisão de aproveitar, temporariamente, um apartamento (4º dir., nº 39) de um prédio da S.T.P. situado na rua Vergílio Correia, em Lisboa. Tal aproveitamento tem consistido na utilização do apartamento para reuniões de carácter administrativo, como as reuniões do Conselho Diretivo, bem como para as reuniões dos Ramos que aí desejem desenvolver as suas atividades.

Foi prevista pelo Programa da S.T.P. para o triénio 2010-2012 a reorganização da Biblioteca da S.T.P., *recorrendo a meios informáticos de catalogação actuais*; tal como se diz no próprio Programa, essa reorganização é assumida como *um projecto a longo prazo*, pelo trabalho e tempo que implicará. Dar-se-á início a este projecto assim que estiverem reunidas todas as condições necessárias para o fazer.

8. Os Ramos

De acordo com as informações obtidas junto dos respectivos Presidentes, os Ramos e os Grupos de Estudo da S.T.P., a seguir indicados, mantiveram as suas atividades de forma regular, e enriquecedora, quer do ponto de vista individual, quer do ponto de vista coletivo, ao longo do tempo a que se refere este relatório. Évora: Ramo *Boa Vontade*; Lisboa: Ramos *Ísis*, *Koot-Hoomi*, *Lótus Branco* e *Maitreya*; Porto: Ramos *Dharma* e *Horus*; São Miguel / Açores: Grupo de Estudos *Archanjo Miguel*; Setúbal: Grupo de Estudos *Amor, Verdade e Beleza*.

Foram objecto de renovação, no que diz respeito à sua presidência, os seguintes Ramos: Évora – Ramo Boa Vontade; Lisboa – Ramos Annie Besant, Aquário, Fraternidade e Lótus Branco.

9. A Revista Osíris e o site da S.T.P.

A publicação da Revista Osíris, agora renovada, cujo atraso será brevemente superado, foi levada a cabo, tendo em consideração os princípios gerais formulados pelo Programa da S.T.P. para o triénio 2010-2012 e, em particular, o que se refere no ponto 9. deste Programa.

Ainda que já estejam definidas as linhas gerais segundo as quais será reestruturado o website da S.T.P., tal tarefa, pelo tempo que exige, será, muito em breve, alvo de novos desenvolvimentos.

10. Sessões públicas

As sessões públicas levadas a cabo pela S.T.P. obedeceram aos princípios gerais formulados pelo Programa da S.T.P. para o triénio 2010-2012 e, em particular, ao que se refere no ponto 7. deste Programa.

11. Representação oficial da S.T.P. nas Jornadas Ibéricas

Ao longo de décadas, a Secção Portuguesa tem mantido uma relação de verdadeira aproximação com a Secção Espanhola. Esta relação de aproximação tem sido grandemente materializada através das *Jornadas Ibéricas*. Entre 1 e 4 de Abril de 2010 a representação oficial da S.T.P. nas *Jornadas Ibéricas*, subordinadas ao tema *Consciência e Teosofia Prática*, foi assumida por Isabel Nobre Santos, a quem se expressa um sincero agradecimento. Os Ramos Koot-Hoomie Lótus Branco estiveram activamente envolvidos no programa das *Jornadas de 2010*.

12. Participação do Secretário-Geral em actividades internacionais

Foi assumida a participação em actividades internacionais, no papel de representante oficial da S.T.P., nos eventos a seguir referidos.

12.1. Paris / Celebração do 111º Aniversário da Secção Francesa, 3 e 4 de Julho de 2010

Em nome da Secção Portuguesa e, portanto, em nome de todos os seus membros, foram apresentadas saudações na abertura oficial da Celebração do 111º Aniversário da Secção Francesa, cujo tema foi *Tradição e Revolução: a Memória ao serviço da Renovação*.

Foi apresentada uma comunicação, integrada num simpósio sobre esse mesmo tema.

12.2. Roma / Congresso Mundial da Sociedade Teosófica, 10 a 15 de Julho de 2010

Em nome da Secção Portuguesa e, portanto, em nome de todos os seus membros, foram apresentadas saudações na abertura oficial do Congresso Mundial da Sociedade Teosófica, cujo tema foi *Fraternidade Universal sem Distinção: um Caminho para a Consciência Desperta*.

Foi levada a cabo a coordenação de um *workshop* subordinado ao tema *Autoconhecimento – a Base para a Fraternidade*.

12.3. Adyar / 135ª Convenção Internacional da Sociedade Teosófica, 27 a 31 de Dezembro de 2010

Como Secretário-Geral e, portanto, como membro oficial do Conselho Geral da Sociedade Teosófica, foi cumprida a participação na reunião do Conselho Geral realizada no dia 25 de Dezembro de 2010.

Em nome da Secção Portuguesa e, portanto, em nome de todos os seus membros, foram apresentadas saudações na abertura oficial da 135ª Convenção Internacional da Sociedade Teosófica.

13. A Ordem Teosófica de Serviço

Relativamente à Ordem Teosófica de Serviço, refira-se o facto de a sua coordenação ter sido assumida por José António Alves, a partir do início de Janeiro de 2010, dando continuidade ao trabalho desenvolvido pela

anterior coordenadora, Maria Alida Rodrigues, de forma regular e empenhada.

14. Apelo

Um relatório é necessariamente uma descrição objectiva de factos, marcada pela impessoalidade, tanto quanto possível. Ainda assim, neste último ponto deste relatório não posso deixar de expressar a todos os membros da Sociedade Teosófica de Portugal, sem qualquer excepção, um apelo amigo ao seu envolvimento ativo na vida da Sociedade. Os corpo gerentes da S.T.P., em geral, e o Conselho Diretivo, em particular, assumem uma franca disponibilidade para acolher todos aqueles cujo desejo seja contribuir, de forma desapegada, para a concretização

dos objectivos da S.T.P. enunciados no seu Programa para o triénio de 2010-2012.

A entrega generosa de si mesmo ao trabalho teosófico, a dedicação humilde, a vontade da partilha, com abertura, sem nada esperar em troca, a tentativa continuada do auxílio, são sinais suficientes para que o contributo de cada um de nós fortaleça o movimento teosófico; sublinhe-se a amplitude do significado integrador da expressão *movimento teosófico*.

Tal como o Mestre K. H. afirma, **nenhum daqueles que simplesmente tenham tentado auxiliar o trabalho da Sociedade, por imperfeitos e falhos os meios e modos de que se serviram, o terá feito em vão.** ∞

A maioria das pessoas acredita que pode escapar às consequências dos seus atos, mentais e físicos. Existem algumas que reconhecem, pelo menos teoricamente, que não é possível escapar às consequências das forças que libertam, mas não creem realmente nisso. Se acreditassem no Karma, seriam extremamente cuidadosas acerca de tudo o que fazem, pensam e sentem, acerca do seu relacionamento com as outras pessoas e assim por diante. A fraqueza da crença é tornada evidente pela negligência na conduta. É possível escapar às consequências de um ato no mundo físico durante o curso de uma vida. No caso de uma pessoa que rouba, ela pode ser presa imediatamente ou a sua falta pode permanecer encoberta durante muito tempo; mas não pode escapar aos resultados indefinidamente, pois “os moinhos de Deus moem lentamente”, trituram até pedaços extraordinariamente pequenos. No entanto, o que é mais sério não é a descoberta do roubo e o facto de a pessoa poder ser presa, mas o efeito da consequência imediata no campo psicológico.

H. Radha Burnier
A Escravidão Está na Mente

LIBERDADE DE PENSAMENTO

Resolução aprovada pelo

Conselho Geral da S. T. a 30 de Dezembro de 1924

Uma vez que a Sociedade Teosófica se espalhou por todo o mundo civilizado e que tem nos seus quadros membros de todas as Religiões, os quais não renunciam às doutrinas peculiares e ensinamentos de suas respectivas crenças – logo que não vão contra o Princípio da Fraternidade Universal sem distinção de qualquer espécie – conclui-se ser desejável acentuar o facto de não haver nenhuma doutrina ou opinião ensinada, que o membro da Sociedade seja obrigado a seguir ou não tenha liberdade de aceitar ou recusar. A aceitação dos seus objectivos é a única condição para tornar-se membro da Sociedade. Nenhum escritor ou instrutor, seja H. P. Blavatsky ou qualquer outro, tem autoridade para impor os seus ensinamentos ou opiniões aos membros. Pode apenas expô-los. Cada membro tem igual direito de aceitar qualquer escola de pensamento da sua preferência, mas não tem o direito de a impor aos outros. A ninguém se pode negar o direito de votar ou de ser elegível por causa das opiniões que defenda ou da escola de pensamento a que pertença, logo que o Princípio da Fraternidade seja respeitado, pois as opiniões ou crenças não conferem privilégios, nem acarretam penalidades de qualquer espécie. Os membros do Conselho Geral rogam, encarecidamente, a todos os membros da Sociedade Teosófica, que sustentem, defendam e actuem de acordo com os princípios fundamentais da Sociedade e também exerçam com firmeza o seu direito de liberdade de pensamento e expressão, dentro dos limites de cortesia e delicadeza para com os demais.

INDEPENDÊNCIA DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

Resolução aprovada pelo

Conselho Geral da S. T. a 30 de Dezembro de 1950

Embora cooperando com quaisquer outras entidades cujos objectivos possibilitem tal cooperação, a Sociedade Teosófica é e deve permanecer uma Organização inteiramente independente daquelas, sem compromissos com quaisquer objectivos que não os seus e atenta ao desenvolvimento do seu próprio trabalho, dentro das normas mais amplas, de modo a dirigir-se para o fim expresso nos seus Objectivos, que incluem o conceito de Sabedoria Divina contido na expressão «Sociedade Teosófica».

Dado que a Fraternidade Universal e a Sabedoria são insusceptíveis de definições completas, há, individual e colectivamente, total liberdade de pensamento para todos os membros da Sociedade, procurando esta manter sempre o seu carácter único e distinto, sem se identificar com qualquer outra organização.

SOCIEDADE TEOSÓFICA DE PORTUGAL

Rua Passos Manuel 20 Cave

1150-260 Lisboa

www.sociedadeteosoficadeportugal.pt

geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt

telef.: 213 534 750

Ramos e Grupos de Estudo

- ÉVORA -

Boa Vontade - Maria João Figueira,
mjoaofigueira2009@gmail.com

- LISBOA -

Annie Besant - Carlos Guerra,
carlos.a.g.guerra@gmail.com,
telef.: 266 703 135, 965 741 281

Aquário - António Almeida,
antonioicrpalmeida@gmail.com,
telef.: 218 137 424, 964 786 035

Fraternidade - José António Alves,
isabeljoseantonio@gmail.com

Isis - Maria Lucília Meleiro,
telef.: 217 165 129

Koot-Hoomi - Isabel Nobre Santos,
minobre@yahoo.com

Lotus Branco - João Parente,
joao_1952@sapo.pt, 916 008 902

Maitreya - Maria Alida Rodrigues,
mseijo@live.com.pt, 961 273 843

- PORTO -

Dharma - Lício Correia

Horus - José Almeida

1ª e 3ª quinta-feira do mês, 21:30,
Praça da República 13, 3ºB, Porto,
shakti@sapo.pt, 963 408 166

- SÃO MIGUEL, AÇORES -

G. E. Arcanjo Miguel - Lubélia
Travassos, lubtravassos@gmail.com,
telef.: 296 285 266

- SETÚBAL -

G. E. Amor, Verdade e Beleza -
Maria de Lurdes Rodrigues,
luceliario@gmail.com, telef.: 265 523 624

Sociedade Teosófica

Presidente: Radha Burnier • **Vice-Presidente:** Linda Oliveira • **Secretária:** Kusum Satapathy • **Tesoureira:** Keshwar Dastur

Sede: Adyar, Chennai 600 020, India • www.ts-adyar.org • theosoc@satyam.net.in

Orgão Oficial do Presidente: "The Theosophist", fundado por H.P. Blavatsky em 1879

Ano*	Secção	Secretário Geral	Endereço	Revista	Email
1947	Africa, East & Central	Mr Navin B. Shah	PO Box 14804, 00800-Westlands, Nairobi, Kenya	<i>The Theosophical Light</i>	navinmeera@hotmail.com
1909	Africa, South	Mr Tom Davis	22 Buffels Road, Rietondale, Pretoria, 0084	<i>The S. African Theosophist</i>	thosgdavis@icon.co.za
1956	Africa, West	Mr P.B. Kwakyi	PO Box 720, Accra, Ghana	<i>The W. African Theosophist</i>	tswafrica@gmail.com
1929	America, Central *	Mrs Aura Elena de Martínez	Calle Julio Mejía Pol. E-7, Colonia Univ. Norte, San Salvador, El Salvador		bemapo03@hotmail.com formaryoga@hotmail.com
1920	Argentina	Mrs Silvia Liliana Pastore	Casilla de Correo 166, 5600 San Rafael, Provincia de Mendoza	<i>Teosofia en Argentina</i>	stargentina@sociedad-teosofica.com.ar
1990	Asia, Southeast †		The Theosophical Society, Adyar, Chennai 600 020, India		theosoc@dataone.in
1895	Australia	Dr Dara Tatray	4th fl., 484 Kent St., Sydney, NSW 2000	<i>Theosophy in Australia</i>	tshq@austheos.org.au
1912	Austria *	Mr Herbert Fuchs	Joseph Gaubweg 7, A - 8010 Graz	<i>Theosophie Adyar</i>	herbert.f.fuchs@gmail.com
1911	Belgium	Mr Jan Jelle Keppler	Place des Gueux 8, B1000 Brussels	<i>Le Lotus Bleu</i>	jan.keppler@telenet.be
1965	Bolivia †	Mrs Teresa W. de Nuñez	Casilla de Correo 3911, Cochabamba		saidita_2945@hotmail.com
1920	Brazil	Mr Marcos L.B. de Resende	Sociedade Teosofica no Brazil, SGAS - Quadra 603, No. 20, CEP 70200-630 - Brasilia (DF)	<i>Sophia</i>	tsbrazil@sociedadeteosofica.org.br
1924	Canada *	Mr Medardo Martínez Cruz	3162 Rue de la Bastille Boisbriand QC, J7H 1K7, Canada	<i>The Light Bearer</i>	mmartinez@manhattaninc.com
1920	Chile *	Ms Maximiliano Aguilera	Casilla 3603, Santiago 21	<i>Revista Teosófica Chilena</i>	sociedad.teosofica@gmail.com
1937	Colombia †	Mrs Julia Ballesteros	Carrera. 6, No. 56-27 Apto. 201, Bogotá-2	<i>Selección Teosófica</i>	julitaballesteros@gmail.com
1997	Costa Rica †	Mrs Maria Orlich	Apartado 8-6710-1000, San José		orlichsm@yahoo.com
2007	Croacia Δ	Mrs Nada Tepeš	Krajiška Ulica 24, 10000 Zagreb, Croatia	<i>Teozofija</i>	z.zemlja@gmail.com
1905	Cuba	Mr Gaspar Torres	Apartado de Correos 6365, La Habana 10600		teocuba.sociedad@gmail.com
1987	Dominican Republic †	Mrs Magaly Polanco	1652 Sta. Agueda, C.7 Les Chalets Court Apto 23, San Juan, PR 00926, USA		polanc@prtc.net
1888	England	Mr Eric McGough	50 Gloucester Place, London W1U 8EA	<i>Insight</i>	office@theosoc.org.uk
1907	Finland	Ms Marja Artamaa	Teosofinen Seura, Vironkatu 7C2, Fin 00170, Helsinki	<i>Teosofi</i>	teosofinen.seura@netti.fi
1899	France	Ms Trân-Thi-Kim-Diêu	4 Square Rapp. 75007 Paris	<i>Le Lotus Bleu</i>	editionsadyar@wanadoo.fr
1902	Germany	Mrs Manuela Kaulich	Hauptstr. 39, 93138 Lappersdorf	<i>Adyar</i>	theosophie-adyar@gmx.de
1928	Greece	Mr Theodoros Katsifis	25 Voukourestiou St., 106 71-Athens	<i>Ilisos</i>	info@theosophicalsociety.gr
1907	Hungary †	Mr Thomas Martinovich	Hunyadi Janos ut. II. 11. 8, H-1011 Budapest	<i>Teozófia</i>	tshutau7@hu.inter.net
1921	Iceland	Ms Anna Valdímarsdóttir	P.O. Box 1257 Ingólfsstraeti 22, 121 Reykjavik	<i>Gangleri</i>	ts.gudspekifelagid.is
1891	India	Mr S. Sundaram	The Theosophical Society, Varanasi - 221 010	<i>The Indian Theosophist</i>	theosophy_vns@yahoo.com
1912	Indonesia	Mr Herry Ispoernomo	Jalan Angrek Nelimurni A-104, Jakarta 11410, Timur	<i>Teosofi</i>	theosofi.indonesia@gmail.com
1949	Ireland *	Mrs Marie Harkness	97 Mountsandel Road, Coleraine - Co. Londonderry UK BT52 1TA	<i>Insight</i>	maricharkness@yahoo.co.uk
1954	Israel Δ	Mr Abraham Oron	PO Box 4014, Ramat-Gan, Israel 52140	<i>Or</i>	mail@theosophia.co.il
1902	Italy	Mr Antonio Girardi	Viale Quintino Sella, 83/E, C.P. 640, 36100 Vicenza	<i>Rivista Italiana di Teosofia</i>	sti@teosofica.org
1997	Ivory Coast *	Mr Pierre-Magloire Kouahoh	Yopougon, 23 Rue Princesse - B.P. 3924, Abidjan 23	<i>Sophia</i>	pm_kouahoh@hotmail.com
1971	Japan Δ	Mr Naotsugu Takahashi	4-12-11 Nakamachi, Nishi Tokyoshi, Tokyo 202 0013		tsjp@hte.highway.ne.jp
1919	Mexico	Mrs Lissette Arroyo Jiménez	Ignacio Mariscal 126 Col. Tabacalera Mexicana, Mexico, D.F. 06030		sociedadeteosofica@prodigy.net.mx
1897	Netherlands	Mrs Els Rijneker	Tolsraat 154, 1074 VM Amsterdam	<i>Teosofia</i>	info@teosofie.nl
1896	New Zealand	Mr Warwick Keys	17, Belvedere Street, Epsom, Auckland 1051	<i>TeoSophia</i>	hq@theosophy.org.nz
1913	Norway *	Mrs Agnes Gaasemyr	Stedevn Ve 9, N - 5162 Laksevaag		post@gudspekifelagid.no
1924	Peru †	Mr Julio Gerardo Pomar	Jr. Republica de Portugal 152, Breña, Lima 5	<i>Básqueda</i>	teosoficaperu@hotmail.com
1933	Philippines, The	Mr Vicente Haó Chin, jr.	Corner P. Florentino and Iba Streets, Quezon City, Manila	<i>The Philippine Theosophist</i>	philtheos@gmail.com
1921	Portugal	Mr Carlos Guerra	Rua Passos Manoel 20 cave, 1150-260 Lisboa	<i>Osiris</i>	geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt
1925	Puerto Rico †	Mr Eladio Polanco	1652 Sta. Agueda, C7 Les Chalets Court, Apto 23, San Juan, PR 00926, USA	<i>Heraldo Teosófico</i>	polancoeladio@yahoo.com
1910	Scotland *	Mr Stuart Trotter	28 Great King Street, Edinburgh, EH3 6QH	<i>Circles</i>	stuarttrotter@hotmail.com
1889	Singapore Δ	Mr Chong Sanne	540 Sims Avenue, No 03-04, Sims Avenue Centre, Singapore 387603	<i>Newsletter</i>	sanne@singaporelodge.org
1992	Slovenia *	Mr Dušan Žagar	Kunaverjeva 1 SLO - 1000 Ljubljana	<i>Teozofska Misel</i>	zagarbreda@gmail.com
1921	Spain	Mrs Clarisa Elósegui	Arenys de Mar 14, 1º-1ª E - 08225 Terrasa - Barcelona	<i>Sophia</i>	clarisaelo@gmail.com
1926	Sri Lanka †	Mr S. M. Jayathilake	20/13, Race Course Road, Badulla (BD) 90000	<i>The Sri Lanka Theosophist</i>	smjbadulla@gmail.com
1895	Sweden	Mr Peretti Spets	Henriksdalsringen 23, SE - 131 32 Nacka	<i>Tidlös Visdom</i>	teosofska.samfundet.adyar@telia.com
1910	Switzerland †	Mrs Eliane Gaillard	17 Chemin de la Côte, CH - 1282 Dardagny, Genève	<i>The Lotus</i>	egaillard@bluewin.ch
1997	Togo *	Mr Kouma Dakey	S.O., A.R.T.T., BP 76, Adeta		ankh@volicable.com
2007	Ukraine Δ	Mrs Svetlana Gavrylenko	Office 3, 7-and Zhylianska St., Kiev 01033		admin@theosophical.org
1886	USA	Mrs Betty Bland	PO Box 270, Wheaton, IL, 60187-0270	<i>The Quest</i>	samadh@internet.com.uy
1925	Uruguay *	Mr Nelson Corrales	Javier Barrios Amorin 1085, Casilla de Correos 1553, Montevideo		
1922	Wales *	Ms Julie Cunningham	Tan y fron, Red Wharf Bay, Penrthraeth, Angelsey, Gwynedd LL75 8HJ UK	<i>Insight</i>	jecunningham@yahoo.co.uk

* Data de formação * Associação Regional † Agência Presidencial Δ Grupo adstrito a Adyar

SOCIEDADE TEOSÓFICA

A Sociedade Teosófica foi fundada em Nova Iorque, Estados Unidos da América, a 17 de Novembro de 1875.

A sua Sede Internacional foi instalada em Adyar, Chennai (Madras), Índia, em 1882.

OBJECTIVOS DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

1º Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor.

2º Encorajar o estudo comparado das Religiões, das Filosofias e das Ciências.

3º Investigar as leis inexplicadas da Natureza e os poderes latentes no Homem.

Conselho da Federação Europeia das Sociedades Nacionais

The Council of the European Federation of National Societies

Presidente: Tràn-Thi-Kim-Diêu

67 Rue des Pommiers

F-45000 Orleans, France

kimdieu_ts@magic.fr

Federação Teosófica Inter-Americana

Inter-American Theosophical Federation

Presidente: Terezinha Franca Kind

SHIS QI28 Conjunto 1, casa 29 Lago Sul,

Brasília DFF, 71.670-210 Brazil

t.kind@terra.com.br

Federação Teosófica Indo-Pacífico

Indo-Pacific Theosophical Federation

Presidente: John Vorstermans

60B Riro Street, Point Chevalier

Auckland 1022, New Zealand

john@theosophy.org.nz

Federação Teosófica Pan-Africana

Pan-African Theosophical Federation

Presidente: Kiran K. Shah

55A Third Parklands Avenue

PO Box 40149, Nairobi 00100, Kenya

kirankh33@gmail.com